

Reinvença

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
ENSINO LICEAL

ANUÁRIO
DO
LICEU DE AVEIRO
(1950-1951)
bib**RIA**

Relatório dirigido ao Ex.^{mo} Director-Geral
do Ensino Liceal

POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR



— 1951 —

Gráfica Aveirense, L.da
— Aveiro —

Relatório do Reitor do Liceu Nacional de Aveiro,
referente ao ano lectivo 1950-51

ANUÁRIO

DO

Ex.^{ma} Senhor Director-Geral do Ensino Litoral

LICEU DE AVEIRO

(1950-1951)

bibRIA

Relatório dirigido ao Ex.^{ma} Director-Geral
do Ensino Litoral

POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR



1951

Gráfica Avelrense, L.da
Aveiro

ANUÁRIO

LICEU DE AVEIRO

(1950-1951)

bibRIA

JOSE PEREIRA TAVARES

REITOR

Gráfica Aveirense, Lda

Aveiro

Relatório do Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, referente ao ano lectivo de 1950-51

Ex.^{ma} Senhor Director-Geral do Ensino Lical;

Cumprindo o disposto nas alíneas hh) e ii) do Art. 18.º do Estatuto do Ensino Lical (Dec. n.º 36.508), tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a o Anuário-relatório dos serviços do ano lectivo de 1950-1951 e, na parte administrativa, os mapas da receita e despesa da gerência de 1950.

A — O edificio e suas dependências. O primeiro centenário do Liceu de Aveiro. O novo edificio.

Com afluência de muitos antigos alunos, comemorou-se condignamente o 1.º centenário do Liceu. Eis os números do programa das festas:

I — No dia 5 de Outubro: a) - *Recepção dos antigos alunos* no Liceu, após cortejo festivo organizado no Largo da Estação; b) *Recepção na Câmara Municipal*, onde o respectivo Presidente (Dr. Alvaro Sampaio, prof. do Liceu) saudou os antigos alunos em nome da cidade; c) - *Missa na igreja da Misericórdia* por alma dos alunos e professores falecidos; d) - *Sessão solene na sala da biblioteca*, presidida pelo Governador Civil (Cor. António Dias Leite, antigo aluno), na qual se inauguraram os retratos de sete reitores que faltavam na respectiva galeria e na qual falaram os Drs. Alberto Souto, director do Museu Regional, e Fernando Magano, professor da Fac. de Medicina e Vice-Reitor da Universidade do Porto, ambos antigos alunos; e) *Romagem ao jazigo de José Estêvão*; f) - *Sarau de gala* no Teatro Aveirense.

II — No dia 6 de Outubro: g) - *Inauguração da exposição bibliográfica, fotográfica e artística*, na sala de desenho; h) - *Realização de aulas simbólicas* de professores a)

alunos seus [prof. Silva Rocha, 87 anos; prof. Álvaro Sampaio; prof. José Tavares; prof. F. Zamith; prof. Ferreira Neves; prof. Assis Maia]; i) - *Visita* ao novo Liceu; j) - *Jantar de confraternização* no amplo salão das Fábricas Aleluia. Será publicado o "Livro Comemorativo do 1.º Centenário do Liceu de Aveiro".

Contrariamente ao que se esperava, o novo edifício do Liceu será inaugurado em 1952, possivelmente em Maio. As obras dos esgotos começaram em Maio deste ano de 1951.

B — Pessoal do Liceu

PESSOAL DOCENTE

José Pereira Tavares, 1.º grupo. *Reitor*. Diplomado com o Curso Superior de Letras. Data da primeira nomeação: 15 de Janeiro de 1916; posse, 16 de Fevereiro.

Pedro Maria da Rocha Cunha Serra, 1.º grupo (efectivo). *Director da biblioteca*. Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1946-1947 (agregado).

Alfredo Antunes dos Santos, 1.º grupo (auxiliar). Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregado).

Álvaro dos Santos Saralva de Carvalho, 1.º grupo (agregado). Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

Manuel da Silva Gaspar Júnior, 2.º grupo (efectivo). *Director do 1.º ciclo*. Licenciado em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1922-1923 (provisório).

D. Marla Manuela Sereno Cura Mariano, 2.º grupo (agregada). Licenciada em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1950-1951.

D. Dorinda Fernandes Rainha Agualusa, 2.º grupo (agregada). Licenciada em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

José Gomes de Azevedo Matos, 3.º grupo (efectivo). *Director do 2.º ciclo*. Licenciado em filologia germânica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1940-1941 (agregado).

D. Maria Madalena Couceiro Redondo, 3.º grupo (eventual). Licenciada em filologia germânica.

D. Maria da Luz Silva Pereira, 3.º grupo (agregada). Licenciada em filologia germânica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

D. Madalena da Conceição Rosa, 4.º grupo (efectiva). Licenciada em Ciências histórico-filosóficas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregada).

Francisco de Assis Ferreira da Maia, 5.º grupo. *Secretário*. Licenciado em Ciências histórico-geográficas. Exame de Estado. Licenciado em Direito. Primeira nomeação, 1926-1927.

D. Alcídia Lopes Martins, 5.º grupo (eventual). Licenciada em Ciências histórico-geográficas.

Amílcar Augusto Patrício, 5.º grupo (auxiliar). *Director da Cantina. Director do Gabinete de Geografia. Delegado do director do 1.º ciclo*. Licenciado em Ciências geográficas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1943-1944 (agregado).

Orlando de Oliveira, 6.º grupo (efectivo). *Director do Gabinete de Ciências*. Licenciado em Ciências histórico-naturais e em Farmácia. Exame de Estado. Primeira nomeação, Dezembro de 1932 (provisório).

Euclides Simões de Araújo, 7.º grupo (efectivo). Licenciado em Ciências físico-químicas. *Director do Gabinete de Física*. Exame de Estado. Primeira nomeação, 25 de Novembro de 1931.

José Augusto Telxeira, 7.º grupo (efectivo). *Director do Gabinete de Química. Delegado do Director do 2.º ciclo*. Licenciado em Ciências físico-químicas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1939-1940 (agregado).

Francisco Ferreira Neves, 8.º grupo (efectivo). Bacharel em Ciências matemáticas. E. N. Sup. de Coimbra. Primeira nomeação, 1918-1919.

José Carneiro da Silva, 8.º grupo (efectivo). *Director do 3.º ciclo*. Licenciado em Ciências matemáticas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1937-1938 (agregado).

D. Amélia Cecília Cunha da Rosa, 8.º grupo (auxiliar). Licenciada em Ciências matemáticas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregada).

António Fernando Marques da Rocha, 9.º grupo (efectivo). *Vice Reitor*. Curso de Desenho para o magistério liceal. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1936-1937.

D. Maria Aurélia de Andrade de Almeida, 9.º grupo

(efectiva). *Dir. dos Gabinetes de Desenho e Trabalhos Manuais*. Primeira nomeação, 1940-1941 (agregada). ✓

P.^e *António Gonçalves Estêvão* (Canto coral). Curso Teológico do Seminário de Coimbra. Concurso por provas públicas. Primeira nomeação, 1919-1920. (1) ✓

João das Neves Lé (Canto coral) (eventual). Curso do Conservatório do Porto. Nomeado por portaria de 5 de Janeiro de 1951 (*D. do Gov.* n.º 8 de 10 de Janeiro). Posse, 12 de Dezembro de 1950. ✓

D. *Olilde Ribeiro Nunes* (Canto coral) (contratada). Primeira nomeação, 1944-1945. ✓

Pedro Augusto Marques Rodrigues Ferreira, (Educação Física) (efectivo). Curso de medicina. Curso de Educação Física. Primeira nomeação, 1935-1936 (agregado eventual). ✓

D. *Maria da Encarnação Carvalho Alcântara*, (Educação Física) (contratada). Primeira nomeação, 1926-1927 (provisória). (2)

P.^e *João Pedro de Abreu Freire* (Religião e Moral). Curso Teológico do Seminário de Lisboa. Curso da Faculdade de Teologia e de Direito Canónico da Universidade Gregoriana (Roma). Primeira nomeação, 1949-1950. ✓

P.^e *Agostinho Tavares Rebimbas* (Religião e Moral). Curso Teológico do Seminário de Lisboa. Curso da Fac. de Teologia da Universidade Gregoriana de Roma. Curso de Sagrada Escritura do Instituto Bíblico (Roma). Primeira nomeação, 1949-1950. ✓

D. *Maria de Barros Furtado* (Lavores) (contratada). Primeira nomeação, 1948-1949. (3) ✓

PESSOAL DOCENTE EM COMISSÃO

Manuel Francisco Catarino, 1.º grupo — Liceu de D João III.

1) — Faleceu no dia 4 de Novembro de 1950.

2) — Prestou serviço somente até 31 de Outubro de 1950, por ter sido nomeada para o Liceu da Infanta D. Maria (*D. do Gov.* 2.ª s., n.º 249, de 26, X, 1950).

3) — Em 4 de Maio (*D. do Gov.* n.º 101), foi nomeada professora efectiva do 5.º grupo (Secção) a prof. *D. Alice Augusta da Cruz Rodrigues Gomes*, em serviço no Liceu do Funchal; e em 31 de Maio (*D. do Gov.* n.º 123), foi nomeada a prof. contratada de Educação Física *D. Maria Manuela Craveiro Lopes*, em serviço no Liceu de Bragança, posteriormente colocada no Liceu de Carolina Michaëlis.

D. Aurora Fernandes David, 3.º grupo (Secção) — Commissariado da M. P. Feminina.

Alberto Martins de Carvalho, 4.º grupo — Liceu de D. João III.

Álvaro da Silva Sampaio, 6.º grupo — Presidência da Câmara Municipal de Aveiro.

MÉDICO ESCOLAR

Adérlio Jaime Mendes Madeira. Primeira nomeação, Agosto de 1919.

VISITADORA ESCOLAR

D. Maria da Graça Roque Abrantes Prata. — Entrou em exercício, neste Liceu, no dia 3 de Junho de 1949.

PESSOAL DA SECRETARIA

Manuel da Silva Salgueiro, 2.º oficial. Curso Complementar do Comércio. Nomeado, precedendo concurso, por despacho de 9 de Maio de 1950 (*D. do Gov.*, 2.ª s., n.º 136, de 14 de Junho). Posse — 17 de Junho de 1950.

Henrique Maria Félix, aspirante. Exame do 6.º ano dos Liceus. Primeira nomeação, Novembro de 1947 (1).

Joaquim Simões Bacelar, aspirante. Curso Complementar do Comércio. Nomeado por despacho de 19 de Julho de 1951 (*D. do Gov.* n.º 184, de 10 de Agosto). Posse em 16 deste mês.

Carlos Miguéis Ferreira de Matos, escriturário de 2.ª classe. Exame do 7.º de Ciências. Posse — 21 de Abril de 1949.

PESSOAL MENOR

Amadeu Ferreira Estimado, contínuo de 1.ª classe. *Chefe do pessoal menor*. Primeira nomeação: 22 de Janeiro de 1921; posse: 11 Fevereiro. Tem a 5.ª classe dos Liceus.

João Baptista Morelra, contínuo de 1.ª classe. Pri-

1) — Nomeado 3.º oficial da Secretaria do Liceu de Braga (*D. do Gov.* n.º 142, de 17/V/1951). Prestou Serviço neste Liceu até o dia 29 de Maio 1951.

meira nomeação: 24 de Abril de 1918; posse 1 de Maio.
— Tem exame de instrução primária.

João de Moraes Gamelas, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 24 de Abril de 1918; posse 1 de Maio. Tem exame de instrução primária.

Francisco de Moraes Gamelas, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 12 de Agosto de 1919; posse: 1 de Setembro. Tem exame de instrução primária.

Domingos Ferreira, contínuo de 2.^a classe. Primeira nomeação: 24 de Outubro de 1932; posse: 25 de Outubro. Tem exame de instrução primária. *Auxiliar da Secretaria.*

Maria de Lurdes Sucena Ferreira, servente. Primeira nomeação: 5 de Maio de 1944; posse: 4 de Maio. Tem exame de instrução primária.

João Maria Pereira Júnior, servente. Primeira nomeação: 2 de Julho de 1937; posse: 2 de Agosto. Tem exame de instrução primária.

Marla Cândida Ferreira Estimado, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, Janeiro de 1948.

João dos Santos Peixinho, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, 26 de Julho de 1950 (*D. do Gov. n.º 132, de 7 de Agosto de 1950*). Posse: 8 de Agosto.

Acácio da Costa Agostinho, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, 16 de Novembro de 1950 (*D. do Gov. 2.^a série, n.º 295, de 21 de Dezembro de 1950*). Posse: 22 de Dezembro.

C — Os ciclos

1 — *Instalação de cada ciclo.* — As dezasseis turmas deste ano foram assim distribuídas: *No edifício principal*, as turmas masculinas e mistas de: 1.º C e 1.º D (masculinas); 2.º B (mista); 3.º B (masculina); 4.º B (mista); 4.º C (masculina); 5.º B (masculina); 6.º e 7.º (mistas). — *No edifício anexo*, as turmas do 1.º A 1.º B (fem.); 2.º A (fem.); 2.º C (masculina, independente das outras); 3.º A (mista); 4.º A e 5.º A (femininas).

2 — *Os alunos.* — O número de alunos matriculados directamente no Liceu foi o constante do mapa seguinte, que nos revela aumento de frequência em relação aos anos anteriores:

	M.	F.	Total
1.º ciclo { 1.º ano	— 71	55	126
2.º ano	— 35	44	79
			<u>205</u>
2.º ciclo { 3.º ano	— 48	27	75
4.º ano	— 49	39	88
5.º ano	— 34	40	74
			<u>237</u>
3.º ciclo { 6.º ano	— 25	21	46
7.º ano	— 27	12	39
			<u>85</u>
	28	238	<u>527</u>

Seguem-se as listas nominiais de todos os alunos, por anos e turmas, nas quais se indicam os reprovados, os transferidos, os que anularam matrícula, os que perderam o ano por faltas e, em anos de exame, a valorização obtida pelos aprovados:

1.º Ano — Turma A

- 1 Cândida Fernanda de A. da G. e Melo
- 2 Delminda da Silva Gomes, reprovada
- 3 Emilia Augusta Teixeira Bilelo
- 4 Fernanda Gabriel Marques, desistiu
- 5 Idalina de Almeida O. e Silva
- 6 Laura Maria Marques Ferreira
- 7 Leontina Cirino Simões da Silva
- 8 Maria Alice R. da Graça e Melo
- 9 Maria Arminda dos Santos Cosme, reprovada
- 10 Maria Bárbara Camacho dos Santos
- 11 Maria Claudete da Silva
- 12 Maria da Conceição N. de Oliveira
- 13 Maria Emilia Magalhães Barbosa
- 14 Maria Eugénia Sacadura Rebola
- 15 Maria Fernanda Picoito Godinho
- 16 Maria da Graça G. da Costa Góis
- 17 Maria Gracinda Serrano Baptista
- 18 Maria Helena de Oliveira Valente
- 19 Maria Madalena de Pinho M. da Cunha
- 20 Maria Madalena Rosa Cordeiro, anulou a matrícula
- 21 Maria Manuela da Encarnação Barreto, reprovada
- 22 Maria Teresa N. da S. Pereira
- 23 Maria Virginia de A. Eça Soares (Chefe)
- 24 Maria Vitória Simões Rodrigues
- 25 Otilia de Assunção Dias dos Santos
- 26 Rosa Manuela da Cruz Naia
- 27 Rosalina Rosa F. Pereira, desistiu
- 28 Sónia Maria Vitor e Silva
- 29 Marília Zaira Ferreira de Sousa, perdeu o ano por faltas

1.º Ano — Turma B

- 1 Lurdes da Silva Almeida
- 2 Maria Alcina da Cruz Vizinho
- 3 Maria Alice Melo de Almeida
- 4 Maria Amélia Monteiro de Figueiredo
- 5 Maria Armanda Teixeira Simões
- 6 Maria Augusta de A. T. da Rocha
- 7 Maria Augusta B. Pereira Verga
- 8 Maria Camila Bastos da Costa
- 9 Maria Ermelinda Casqueira Pires, reprovada
- 10 Maria de Fátima Rodrigues Pinto, reprovada
- 11 Maria Fernanda dos Santos Rolo, anulou a matrícula
- 12 Maria da Glória Pinto da Silva
- 13 Maria da Glória da Silva Valente
- 14 Maria Isabel Corte Real Tadeu
- 15 Maria Ivone Reis C. de Oliveira, reprovada
- 16 Maria José Praça Mónica
- 17 Maria Lucília Ribeiro da Cruz
- 18 Maria de Lurdes Ramos Moraes
- 19 Maria Nautília da Mota Peixoto
- 20 Maria Olívia E. Marques Vidal
- 21 Maria Rosa Trindade Rafeiro
- 22 Maria da Silva Matos
- 23 Natália dos Reis Nogueira, reprovada
- 24 Olga Branca Pinto Madail (Chefe)
- 25 Olga da Silva Martins
- 26 Olinda Georgete da Rocha Ferreira
- 27 Rosa Adelaide da Rocha S. Marcos

1.º Ano — Turma C

- 1 Adérito Mendes Seabra de Oliveira
- 2 Alberto Freire de Matos, perdeu o ano por faltas
- 3 Alberto Manuel V. F. de Almeida
- 4 Alfredo Augusto Ferreira Rodrigues
- 5 Américo David Vieira
- 6 Amílcar Araújo e Silva
- 7 António Fernando Ferreira Pinto
- 8 António José Romão, reprovado
- 9 António Júlio S. R. da Cruz
- 10 Argemiro Carvalho Martins da Maia, perdeu o ano por faltas
- 11 Arlindo dos Santos Parracho
- 12 Aurélio Lucas
- 13 Carlos Casimiro Gomes Soares
- 14 Clemente Manuel da S. B. Ferraz, reprovado
- 15 Eduardo Faria Huet e Silva
- 16 Eurico Nuno de Magalhães Garrido
- 17 Fernando Alfredo da S. Teixeira
- 18 João José da M. Campos Pereira
- 19 João José Silva Graça
- 20 João Manuel Sarabando Moreira
- 21 Joaquim Manuel do D. M. da Silva
- 22 José Aniano de Castro Vinagre
- 23 José António Martins Campos

- 24 José de Almeida Vicetro
- 25 José Manuel Matias de Azevedo, desistiu
- 26 José Maria David Vieira
- 27 José Mendonça Lemos (Chefe)
- 28 Luís Augusto Fernandes Maia
- 29 Manuel Duarte Maia Pericão
- 30 Manuel Malaquias de Oliveira
- 31 Manuel Pires Dias dos Reis, reprovado
- 32 Manuel Tavares Ferreira Rainho
- 33 Mário Simões Capão
- 34 Vítor Manuel Cardoso Caldeira
- 35 Vítor Manuel de O. e Sousa

1.º Ano — Turma D

- 1 Álvaro Américo Caetano Alves
- 2 Amadeu Vinagre da Maia Soares
- 3 António Amílcar M. Fialho Pires
- 4 António Augusto Soares de Andrade
- 5 António da Cunha Ferreira
- 6 António Fernando Pires Estima
- 7 António Ferreira do Casal, reprovado
- 8 António José Guerra G. Borges
- 9 António Rodrigues Ferreira Balcão, reprovado
- 10 Augusto Luís Carvalho Vieira, reprovado
- 11 Benamor de Fátima M. da Costa Morgado
- 12 Carlos Alberto F. B. de Almeida
- 13 Domingos Manuel Campelo Tavares
- 14 Dulcídio Adolfo Olivença Ramos
- 15 Élio da Silva Amaral
- 16 Ernesto de Resende Ramos
- 17 Francisco Rosa Duarte dos Santos
- 18 Helder Lopes Valente, anulou a matrícula
- 19 Humberto da Rocha
- 20 João Odino Serrano de Almeida, desistiu
- 21 Joaquim Valente de Pinho
- 22 José Albino Lima dos Santos
- 23 José Alcides Faria Ramalheira, desistiu
- 24 José António Simões V. de Oliveira (Chefe)
- 25 José Carlos Soares P. de Almeida
- 26 José Eugénio R. Gaspar dos Santos, desistiu
- 27 José Júlio Neto Abrantes Serra
- 28 José Paulino Conde Teixeira
- 29 José Pereira de M. Amaral
- 30 Júlio Pires Ribeiro
- 31 Manuel Eduardo de A. R. Neto
- 32 Manuel Ferreira Canelas, reprovado
- 33 Orlando dos Santos Borrás
- 34 Rui Manuel Seabra N. da Silva
- 35 Vítor Augusto Pereira de Oliveira
- 36 Vítor Manuel Gameiro Esteves, transferido para o Liceu de Passos Manuel

2.º Ano — Turma A

- 1 Adalcina Maia C. da Silva, 13 val.
- 2 Ana Paula Martins Ramalheira, 13 val.
- 3 Áurea Moreira de Almeida, 13 val.

- 4 Maria Adelaide Praça Mónica, 13 val.
- 5 Maria Adélia Nunes de Andrade, 13 val.
- 6 Maria Amélia da Cunha Barreto, 11 val.
- 7 Maria Castela Duarte, 13 val.
- 8 Maria Dedília de Oliv. Miranda, 12 val.
- 9 Maria Eduarda Estudante da Silva, 13 val.
- 10 Maria Emília de O. Sousa e Prata, 14 val.
- 11 Maria Eugénia da Silva Freire, 12 val.
- 12 Maria Gracieta Peixinho Almeida, 12 val.
- 13 Maria Helena da C. Neto Gamelas, 13 val.
- 14 Maria Isabel Strecht A. Damas, 11 val.
- 15 Maria José Castela Duarte, 12 val.
- 16 Maria Manuela G. do V. Guimarães, *transferida*
- 17 Maria Manuela Tavares Barreto, (Chefe) disp. da prova oral, 16 val.
- 18 Maria Margarida Guimarães Marcela, excluída do exame
- 19 Maria da Natividade da S. Abranches, excluída do exame
- 20 Maria Odete Ramos Moraes, disp. da prova oral, 16 val.
- 21 Maria Teresa da Costa S. Dias, excluída do exame
- 22 Maria Teresa Marques Borralho, 12 val.
- 23 Nicole Elisabeth Louise Mon mens, 16 val.
- 24 Olívia dos Anjos Vilar Tavares, perdeu por falta de pagamento
- 25 Rosa da Silva Lopes, excluída do exame
- 26 Zenaida da Conceição M. Velho, 11 val.
- 27 Maria de Lurdes Monteiro Teixeira, 16 val.

2.º Ano — Turma B

- 1 Amélia Maria de O. Pontes (Chefe), disp. da prova oral, 16 val.
- 2 Benilde Martins Grilo, disp. das provas orais, 16 val.
- 3 Cármen de Jesus C. R. Tadeu Ferreira, 12 val.
- 4 Ermezinda Nunes Ferreira, 13 val.
- 5 Fernanda Maria G. da Costa e Melo, 13 val.
- 6 Generosa Paula Lebre, disp. da prova oral, 16 val.
- 7 Maria Aldina dos Santos Frias, disp. da prova oral, 16 val.
- 8 Maria Alice Moreira Gonçalves, 13 val.
- 9 Maria da Conceição Almeida, disp. da prova oral, 16 val.
- 10 Maria Elisa Vidal da Silva, anulou a matrícula
- 11 Maria Lídia Esteves Antunes, excluída do exame
- 12 Maria Manuela de P. M. Cabrita, reprovada
- 14 Maria Margarida Calisto Vicente, 13 val.
- 15 Maria de Oliveira Rocha, 15 val.
- 16 Maria do Rosário da S. Ré, 12 val.
- 17 Rosa Manuela dos Anjos Grilo, 13 val.
- 18 Zita da Piedade Leal Costa, disp. da prova oral, 16 val.
- 19 António Rodrigues da Graça, 14 val.
- 20 Armindo Dorçay de Castro Torres, 12 val.
- 21 Artur Fernando M. de Oliveira, 11 val.
- 22 Carlos Manuel Rodrigues Anastácio, excluído do exame
- 23 Fausto Tavares Miguéis Picado, 14 val.
- 24 João Carlos Albuquerque Pinto, 13 val.
- 25 Jorge Vasco de Melo Fialho, disp. da prova oral, 16 valores
- 26 Manuel Martins Ribeiro de Lima, 12 val.
- 27 Nuno José Rodrigues Campio, 12 val.

2.º Ano — Turma C

- 1 Álvaro Neto Lopes Borges, transferido para o ens. dom.
- 2 Amadeu Marques Pauseiro, 13 val.
- 3 Antônio Gabriel A. Gonçalves, transferido para Santarém
- 4 Antônio Manuel Neto Brandão, 11 val.
- 5 Antônio Maria de O. Matos, perdeu o ano por faltas
- 6 Bento Manuel da G. Araújo, disp. da prova oral, 16 val.
- 7 Carlos Monteiro Correia, 13 val.
- 8 Custódio Rodrigues Guimarães, 13 val.
- 9 Domingos José B. Cerqueira, 13 val.
- 10 Eduardo Alberto V. F. de Abreu, 14 val.
- 11 Ernesto Emídio Candeias V. Valentim, 14 val.
- 12 Ernesto das Neves do S. Parracho, perdeu por falta de pagamento
- 13 Francisco Albano R. Guimarães, excluído do exame
- 14 Helder Gonçalves Mouro, 14 val.
- 15 João Alves Filipe, 12 val.
- 16 João Antônio P. P. Góis, transf. para o ensino particular
- 17 João Guilherme da S. Ferreira, excluído do exame
- 18 João Martins de Oliveira, reprovado
- 19 Joaquim Mendes M. do Loureiro, 14 val.
- 20 Joaquim Pereira Fernandes, 12 val.
- 21 José Alberto Aleluia da Costa, anulada a matrícula
- 22 José Carlos G. de Almeida, transf. para ensino particular
- 23 José Catão Martins Pereira (Chefe), 12 val.
- 24 José Gil M. Carvalho da Silva, 12 val.
- 25 José Vidal Ferreira Catão, 12 val.
- 26 Pedro Eduardo do V. G. Oliveira, não concluiu o exame
- 27 Vitorino Manuel Pereira Senos, reprovado
- 28 Joaquim Manuel Dias Antunes, 12 val.
- 29 Raul José Salgado Coelho, transferido

3.º Ano — Turma A

- 1 Áurea Odete Almeida Garcia, reprovada
- 2 Dulcília Soares da Costa, transf. para o ensino particular
- 3 Eneida de Jesus Pereira Campos, reprovada
- 4 Ermelinda Guimarães Marcela
- 5 Ilda Ladeira de Bastos
- 6 Irene do Céu Jesus Tavares, perdeu por faltas
- 7 Lucília Damas Teles de Meneses
- 8 Maria do Amparo da Costa Carvalho
- 9 Maria Dolores R. da Silva, reprovada
- 10 Maria Emília Marques Ferreira
- 11 Maria Eneida T. do A. Brites
- 12 Maria Estela Campelo Tavares, reprovada
- 13 Maria Fernanda C. M. de Almeida
- 14 Maria Fernanda Rebelo Filipe
- 15 Maria Guilhermina P. S. Monteiro
- 16 Maria Helena Correia de Amorim
- 17 Maria Ivete V. N. da Silva
- 18 Maria Judite Barreto e Rosete
- 19 Maria Luísa de M. M. da Graça, perdeu por faltas
- 20 Maria Luísa Vieira Chuva
- 21 Maria Noémia M. do A. Coutinho
- 22 Maria da Piedade Dinis Assena

- 23 Maria Salomé Pereira Taborda, reprovada
- 24 Maria Teresa de Andrade Freire
- 25 Marília Helena Pratas Góis
- 26 Valquíria Fédora Lopes Caleiro
- 27 Zulmira Eneida de S. S. e Cristo
- 28 António Artur V. de A. Freire, reprovado
- 29 António Lima Lamoso e Castro
- 30 António Rodrigues Ferreira
- 31 António Soares Tomé
- 32 Basílio da Rocha M. Júnior
- 33 Carlos Alberto M. do A. Brites
- 34 Carlos Manuel M. S. Fernandinho
- 35 Elío da Rocha Terrível
- 36 Elmano Rodrigues da G. e V. Martins (Chefe)
- 37 António Corte Real Albuquerque Costa

3.º Ano — Turma B

- 1 Amílcar Marcelino Gouveia, reprovado
- 2 António Júlio de S. Farel, anulou a matrícula
- 3 António Manuel B. Jos S. Redondo
- 4 António Maria Nunes Tavares
- 5 António dos Santos Vidal, reprovado
- 6 Camilo Alves de Moraes
- 7 Camilo Augusto R. A. Cristo
- 8 Carlos Júlio do Padre Florra
- 9 Carlos Manuel N. D. da Costa
- 10 Elío Marques da Maia Gafanhão, (Chefe)
- 11 Fernando da Costa Simões Dias, reprovado
- 12 Fernando Graça Gonçalves
- 13 Fernando Paulo R. Carrancho
- 14 Fernando da Silva Areias Neto, reprovado
- 15 Filipe Edgar Babo dos Santos
- 16 Jacinto Manuel F. M. Rebocho
- 17 João Maria da Costa V. Gamelas, reprovado
- 18 Joaquim Ruela Pires Claro
- 19 Jorge de Oliveira Soares, transf. para o ens. part.
- 20 José Cross
- 21 José Fernando da S. C. Bettencourt
- 22 José Henriques Gomes Vilão
- 23 José Manuel Bastos Cachim
- 24 José Manuel da Cruz Domingues
- 25 José Manuel Redondo Malaquias, reprovado
- 26 Levi Pereira dos Santos
- 27 Luís Severo Marques Gonçalves
- 28 Manuel Carlos do V. G. Oliveira
- 29 Manuel José Tavares Lopes
- 30 Manuel Lopes da Silva
- 31 Manuel Nunes Bento
- 32 Manuel Ribau Teixeira
- 33 Mário António Ramos Lourenço, reprovado
- 34 Mário Sérgio Sacadura Rebola
- 35 Raul Manuel de Melo Maia
- 36 Reinaldo José Gomes Topete
- 37 Silvério Freire de Matos
- 38 Vasco Nunes Génio
- 39 Vítor Silva, reprovado

4.º Ano — Turma A

- 1 Alcina Paula F. do Bem
- 2 Carmélia de Oliveira Rocha
- 3 Dulce Dias Neves
- 4 Emília Tomás Ferreira
- 5 Esmeralda Natércia Vieira Duarte (Chefe)
- 6 Esmeralda Valente Rodrigues
- 7 Ilda da Conceição dos S. Neves
- 8 Isilda Maria G. F. Mano
- 9 Lucinda Gomes da Cruz, reprovada
- 10 Margarida Fernandes de Carvalho
- 11 Maria Adelaide P. L. da Cruz, transf. para o ens. dom.
- 12 Maria Amália de Campos Simão
- 13 Maria Amélia da S. A. Firmino, reprovada
- 14 Maria Armanda A. Saraiva
- 15 Maria Bernardete G. Paiva
- 16 Maria Eduarda de O. Ramos
- 17 Maria Ermelinda R. de Campos, reprovada
- 18 Maria Filomena do V. G. Oliveira
- 19 Maria Graciete Crespo Dias
- 20 Maria Irene R. de Sousa
- 21 Maria José P. de Pinho Manica, transf. para o ens. dom.
- 22 Maria José Teles Ferreira
- 23 Maria de Lurdes de A. Soares
- 24 Maria de Lurdes Simões Neto
- 25 Maria da Luz Vaz Portugal
- 26 Maria Suzette Ferreira Ribeiro
- 27 Regina Almeida de O. e Silva
- 28 Rosalina Rodrigues da Silva, reprovada

4.º Ano — Turma B

- 1 Alcina Gomes Vieira
- 2 Irene Ferreira Nunes Ribau
- 3 Maria Augusta da S. Amaral
- 4 Maria da Conceição M. V. Barbosa
- 5 Maria Elcina S. R. da Cruz
- 6 Maria de Jesus Pereira Campos
- 7 Maria Lucília Tavares da Fonseca
- 8 Maria Marta P. Dias Urbano
- 9 Maria Rosa Dias Martins, transf. para o ens. dom.
- 10 Maria do Rosário H. Gamelas
- 11 Rosa Gamelas de Almeida Martins
- 12 António Celestino L. dos Santos
- 13 António Estêvão T. de Oliveira
- 14 Azul Dias de Carvalho, transf. para o Liceu de D. Manuel II
- 15 Carlos Alberto S. A. Portugal, transf. para o ens. part.
- 16 Fernando Gabriel P. T. de Faria
- 17 Fernando dos Santos Nogueira
- 18 Francisco Manuel Castro e Pinho, perdeu por falta de pagamento
- 19 Jaime Ferreira Monteiro, transf. para o ens. part.
- 20 João Adalberto T. A. Brites
- 21 João Eduardo C. Gomes Soares
- 22 Jorge Manuel M. Garrido (Chefe)

- 23 Jorge Manuel Simões Picado
- 24 José Nuno P. Dias Urbano
- 25 Lúcio António G. E. Santos
- 26 Manuel Barreto de A. Leite, reprovado
- 27 Manuel Maia da Loura e Silva, perdeu o ano por faltas
- 28 Raúl Duarte Mira
- 29 Rui Jorge Ferreira Neves, reprovado
- 30 Rui de Pinho Neto Brandão

4.º Ano — Turma C

- 1 Alberto Manuel F. Agualusa
- 2 André Luís de P. Ala dos Reis
- 3 António Alberto R. T. de Sousa
- 4 António Borralho Rangel
- 5 António Carlos Gil da Rocha
- 6 António dos Santos Frias
- 7 António dos Santos Maltês
- 8 Artur Dias de Lemos, transf. para o ens. dom.
- 9 Carlos Alberto B. Seça Neves
- 10 Carlos Alberto Teixeira Simões, transf. para o ens. dom.
- 11 Constantino António Marques
- 12 Diamantino Manuel dos R. Dias
- 13 Fernando Igreja F. Gouveia
- 14 Fernando Luís Ruela P. Claro
- 15 João António Machado Marques, reprovado
- 16 João Libório Marques da Graça
- 17 Joaquim Ferreira Gafanha
- 18 Jorge Manuel P. Tadeu Ferreira
- 19 José Carlos de A. G. dos Santos, reprovado
- 20 José Mendes Macedo Loureiro
- 21 Manuel Alvaro de A. Eça Soares, reprovado
- 22 Manuel Augusto Costa, transf. para o ens. parl.
- 23 Manuel Cardote Freire Quaresma
- 24 Manuel Gomes Neves
- 25 Mário Martins da Silva (Chefe)
- 26 Reinaldo Manuel A. Patrício
- 27 Rui Alberto Neto Varela Rodrigues
- 28 Rui Alexandre B. M. de Albuquerque, reprovado
- 29 Rui Manuel Alves da C. e Sousa
- 30 Vítor Sampaio Faustino
- 31 Oscar Ed. Aguiar Seabra da Cruz, reprovado

5.º Ano — Turma A

- 1 Aida Bola Ribau, aprov. em Letras, 13 val.
- 2 Amália Maria Santos Gil, aprov. 13 val.
- 3 Amélia Pires Nabais, apr. em Letras, 12 val.
- 4 Cecília da Costa Fonseca, apr. em Letras, 12 val.
- 5 Clementina L. da C. Mortágua, apr. em Letras, 13 val.
- 6 Deolinda Branca da Cruz, excluída do exame.
- 7 Dulce Pereira de Oliveira, apr. 14 val.
- 8 Ilda de Almeida Figueiredo, excluída do exame.
- 9 Maria Adelaide S. Abrantes, apr. em Letras, 12 val.

- 10 Maria Aida do Carmo Henriques, excluída do exame.
- 11 Maria Alice de Carvalho Urbano, apr. em Ciências, 10 val.
- 12 Maria dos Anjos R. da Silva, transf. para o ens. dom.
- 13 Maria Armanda P. dos Santos Catré, apr. 11 val.
- 14 Maria Benedita Oravato, excluída do exame.
- 15 Maria Cândida Moreira da Maia, transf. para o ens. dom.
- 16 Maria Dias Neves, apr. 13 val.
- 17 Maria Eneida Souto F. do Amaral, apr. em Letras, 11 val.
- 18 Maria Ermelinda F. M. Damas, apr., 12 val.
- 19 Maria de Fátima Jesus Pereira, apr. em Letras, 11 val.
- 20 Maria Fernanda da C. Cerqueira, apr. 14 val.
- 21 Maria da Glória de R. Andrade, apr. Ciências, 10 val.
- 22 Maria da Graça F. G. Teixeira, apr. 12 val.
- 23 Maria Helena V. dos S. Crespo, apr. em Letras, 10 val.
- 24 Maria Isabel M. Mano Guimarães, apr. em Letras, 11 val.
- 25 Maria José da Cruz M. Ferreira, apr. 11 val.
- 26 Maria Júlia Caleiro Martins, apr. 12 val.
- 27 Maria de Lurdes G. Cardoso, apr. 13 val.
- 28 Maria de Lurdes Ribeiro da Cunha, apr. 14 val.
- 29 Maria de Lurdes Silva Mateus, apr. 11 val.
- 30 Maria Luísa Pinheiro Torres (Chefe), apr. 11 val.
- 31 Maria Maia Vieira, repr. Ciências
- 32 Maria Manuela G. da Costa Góis, apr. 16 val.
- 33 Maria Manuela Lé Nunes Rangel, excluída do exame.
- 34 Maria Manuela Simões Carlos, perdeu por falta de pagamento.
- 35 Maria Paula Gonçalves do Bem, apr. 11 val.
- 36 Maria Suzana Branco Pinto, apr. em Letras, 11 val.
- 37 Marinete Nunes Pires, apr. 15 val.
- 38 Natividade Simões da Rocha, apr. em Letras, 12 val.
- 39 Ofélia Maria M. Marques, apr. em Letras, 10 val.
- 40 Rosa Maria Valente A. Freire, apr. 13 val.

5.º Ano — Turma B

- 1 Aguiinaldo Armindo da S. Melo, apr. Letras, 10 val.
- 2 Altino da Cruz Almeida, apr. 15 val.
- 3 Álvaro Pereira Duarte, excluído do exame.
- 4 Américo da Silva Ramalho, apr. 13 val.
- 5 António Afonso da S. Vigário, apr. 12 val.
- 6 António Dias de Lemos, excluído do exame.
- 7 António Fernando P. P. Peixinho, reprovado.
- 8 António Lança de O. Matos, apr. 12 val.
- 9 António Varelas Graça, apr. em Ciências, 13 val.
- 10 Arlindo Ferreira L. de Almeida, 11 val.
- 11 Armando da Silveira Abrantes, excluído do exame.
- 12 Benvido António B. da S. Justiça, apr. 14 val.
- 13 Carlos Manuel Sobreiro Vidal, apr. em Ciências, 12 val.
- 14 Duarte Marques Borralho, apr. 13 val.
- 15 Eduardo Andias Meireles, transf. para o ens. dom.
- 16 Ernesto Manuel dos S. Pinhal, apr. 13 val.
- 17 Evangelista de Moraes Sarmiento, perdeu o ano por faltas
- 18 Fernando Duarte Pereira, perdeu por falta de pagamento
- 19 Francisco José M. de O. Ferreira, apr. 12 val.
- 20 Henrique Augusto C. A. Cordeiro, apr. 12 val.
- 21 Horácio Reis Pedreiras, apr. 13 val.

- 22 Humberto Lopes da Rosa Neto, apr. 13 val.
- 23 José Luís R. de A. Cristo, perdeu o ano por faltas.
- 24 Luís Armando Cester da Costa apr. em Letras, 12 val.
- 25 Luís Filipe Martins Moita, apr. em Letras, 12 val.
- 26 Manuel Caçóilo Fidalgo, apr. 13 val.
- 27 Mauuel Pinho de Melo, transf. para o ens. part.
- 28 Maquel Ribeiro da Silva, apr. em Letras, 12 val.
- 29 Mário Júlio M. da G. Malaquias, apr. 15 val.
- 30 Mário de Resende Ramos, apr. em Letras, 10 val.
- 31 Maurício dos Santos Parracho, apr. 12 val.
- 32 Pedro Simões Dias, apr. 11 val.
- 33 Rogério da Silva Leitão (Chefe), apr. 15 val.
- 34 Rui Soares da Cruz Almeida, perdeu o ano por faltas.

6.º ano

- 1 Alda Cabral B. de Oliveira
- 2 Augusta Carmelita N. P. Vasconcelos, anulou a matrícula.
- 3 Elvira Marques Branco
- 4 Ema Pinheiro Pais
- 5 Laurinda de Oliveira Rodrigues
- 6 Lucinda de Sousa Brandão
- 7 Maria Fernanda T. S. Raposo
- 8 Maria da Graça C. R. D. Vicente
- 9 Maria José D. Moreira
- 10 Maria José de Lima Campos
- 11 Maria Leonor de Pinho Cabrita, anulou a matrícula.
- 12 Maria de Lurdes de Pinho Dias
- 13 Maria Manuela A. V. de Matos
- 14 Maria Margarida R. Martins
- 15 Maria Marques de A. e Silva
- 16 Maria Odete C. M. de Carvalho
- 17 Maria Olinda Furoa da Rocha
- 18 Maria Rosa Morado de P. Cabral, repr. em Ciên. Nat. e Des.
- 19 Maria Teresa M. do A. Coutinho
- 20 Maaia Teresa Ramos Cardoso
- 21 Rosa Maria de A. de A. Rino
- 22 Adriano Antero P.T. Ferreira, perdeu o ano por faltas
- 23 Alberto Manuel M. de S. Lamy
- 24 Albino Duarte P. Dias Urbano, anulou matrícula
- 25 Aníbal José C. de Pinho Freire
- 26 António Leopoldo R. A. Cristo
- 27 Artur Aníbal R. dos Santos Dias, repr. em Ciên. Nat.
- 28 Carlos Manuel Teles Paão
- 29 Elísio Maria Oliveira Ribeiro, perdeu em Mat. e C. Nat.
- 30 Ernesto Freire de Matos
- 31 Ernesto de Oliveira Miranda, perdeu por falta de pagamento
- 32 Fernando de Sousa Garcia
- 33 Francisco de Assis B. F. da Maia
- 34 Henrique dos Santos Vieira, repr. em Fil., C. Nat. e Mat.
- 35 Humberto Jorge da R. Oliveira
- 36 Jaime Augusto F. Praça, reprovado
- 37 Jorge Silva Pinto Costa
- 38 José de Almeida P. Bandeira, repr. em Fil. e C. Nat.
- 39 José Eugénio F. N. Vellinho

- 40 José Fernando Eça Soares (Chefe)
- 41 José Luís Trindade Miranda
- 42 José Machado da G. Malaquias
- 43 José Manuel Corujo Balseiro, repr. em Fil., F. Q. e Des.
- 44 Mário Carlos G. M. Gamelas, repr. em C. Nat.
- 45 Orlando Eduardo dos Santos
- 46 Rui Silva Pinto Costa
- 47 Horácio Alves Marçal
- 48 Elza M. Borges da Costa Moreira

7.º ano

- 1 Célia Simões de Matos, apr. 14 val.
- 2 Ilza Gomes Vaz Craveiro, perdeu por falta de pagamento.
- 3 Maria Eduarda da Costa Cerqueira, repr. em P., Lat., Gr. e Fr.
- 4 Maria José Azevedo Pinho, repr. em Port., Lat., Grego e O. P. A.
- 5 Maria Júlia de Eça Soares, apr. 12 val.
- 6 Maria Luísa de Melo Ramos, transferida
- 7 Maria Margarida C. M. da Silva, repr. em Des.
- 8 Maria Nazaré F. de Oliveira, perdeu em Fil. e Fis.-Q.
- 9 Maria Regina Tavares Lebre, apr. 12 val.
- 10 Maria Rosa Gamelas de Almeida, perdeu
- 11 Maria Rute Sousa do Bem, repr. C. Nat. e Fis. Q.
- 12 Maria da Saudade B. R. de Melo, apr. 15 val.
- 13 António José F. Simões Ré, repr. em Mat. e Fil.
- 14 Antão Libório R. Cândido, repr. em Fis. Q., C. Nat. e Mat.
- 15 António Manuel Pascoal, apr. 12 val.
- 16 António Pinto F. Pega, apr. 15 val.
- 17 António Tavares Simões Capão, apr. 14 val.
- 18 Armando Borralho Neves, apr. 14 val.
- 19 Armando Ferreira Madail, apr. 11 val.
- 20 Armando José Saraiva, repr. em Des. e C. Nat.
- 21 Armando da Silva Vigário, repr. em Mat.
- 22 Artur José Chuvas Gordinho, perdeu o ano por faltas.
- 23 Bento Eduardo S. C. Teiga, repr. em Fil.
- 24 Bernardino dos Santos Silva, repr. em Fis.-Q.
- 25 Carlos Alberto S. Martins, apr. 12 val.
- 26 Carlos Lourenço Bóia, repr. em Fis. Q.
- 27 Ernesto Marques de Pinho, repr. em Des., C. Nat. e Fis. Q.
- 28 Joaquim António C. da Silveira, apr. 13 val.
- 29 Joaquim Macias Vilão, apr. 13 val.
- 30 João Rebelo Pereira Bóia, repr. em Mat. e Fis. Q.
- 31 José Luís P. Q. Ataíde de Almeida, repr. em Fis. Q., Des. e C. Nat.
- 32 José Sales da Rocha Mano, repr. em Des., C. Nat., Fis. Q. e Mat.
- 33 Manuel Carlos O. Graça, perdeu por doença.
- 34 Manuel Fernando S. C. Ferreira, (Chefe), repr. em Fis.-Q.
- 35 Patrício B. Ferreira do Agro, (Presidente da Academia), apr. 14 val.
- 36 Rui Bogão da Luz Garcia, apr. 14 val.
- 37 Ulisses Rodrigues Pereira, repr. em Fis. Q. e Mat.
- 38 Valdemar Seabra Mota, repr. em Des.
- 39 António Lemos de Carvalho, repr. em Mat. e Fis. Q.
- 40 Maria Orquídea Cadete, apr. 15 val.
- 41 Maria Helena Borges da Costa Moreira, repr. em Fil., C. N. e Des.

3 — Pessoal de cada ciclo

1.º ciclo: *Director* — Manuel da Silva Gaspar Júnior (1.º A, B, C e D); *Delegado* — Amílcar Augusto Patrício (2.º A, B e C); *Secretário* — A. Saraiva de Carvalho.

Professores do 1.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C	Turma D
Português	— Reitor	Saraiva	Serra	Santos
Francês	— D. Manuela	Gaspar	Gaspar	Gaspar
Ciências	— D. Alcídia (Sec.)	D. Alcídia	D. Alcídia	D. Alcídia
Matemática	— Carneiro (1)	D. Amélia	Euclides	F. Neves
Desenho	— Rocha	Rocha	F. Neves	F. Neves
Religião	— A. Freire	Rebimbas	A. Freire	Rebimbas
Educ. Física	— —	P. Ferreira	P. Ferreira	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	D. Olide	Lé	Lé
Lavores	— D. M.ª Furtado	D. M.ª Furtado	—	—

Continuos das turmas — Peixinho (t. A e B), Acácio (t. C) e F. Gamelas (t. D).

Professores do 2.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C
Português	— D. Dorinda	D. Dorinda	D. Manuela
Francês	— D. Dorinda (Sec.)	D. Dorinda	D. Manuela
Ciências	— Patrício	Patrício	Patrício
Matemática	— D. Amélia	D. Amélia	D. Amélia
Desenho	— D. Aurélia	D. Aurélia	D. Aurélia
Religião	— Rebimbas	A. Freire	A. Freire
Educação Física	— —	P. Ferreira	P. Ferreira
Canto coral	— D. Olide	Lé	Lé
Lavores	— D. M.ª Furtado	D. M.ª Furtado	—

Continuos das turmas — Peixinho (t. A), Fr. Gamelas (t. B), João Gamelas (t. C).

2.º ciclo: *Director* — José de Azevedo Matos (3.º A, 4.º A, B e C); *Delegado* — José Augusto Teixeira (3.º B, 5.º A e B); *Secretária* — D. Maria Manuela Mariano.

(1) — Substituído a partir de 11 de Abril pela prof. eventual D. Rosa da Silva Osório Carneiro, por ter sido nomeado para relator do concurso de livros.

Professores do 3.º ano

	<u>Turma A</u>	<u>Turma B</u>
Port.	— Santos	Saraiva
Fr.	— D. Maria da Luz	D. Maria da Luz
Ing.	— M. Mad. Redondo	D. Mad. Redondo
Hist.	— Assis (1)	Assis (1)
Geog.	— Saraiva	Saraiva
C. N.	— Teixeira (2)	Teixeira (2)
F. Q.	— Euclides	Teixeira (2)
Mat.	— Carneiro (3)	Carneiro (3)
Des.	— D. Aurélia	D. Aurélia
Rel.	— A. Freire	A. Freire
Ed. Fis.	— P. Ferreira	P. Ferreira
C. C.	— D. Olide	Lé
Lav.	— D. M. ^a Furtado	—

Contínuos das turmas — Peixinho (t. A), Fr. Gamelas (t. B)

Professores do 4.º ano

	<u>Turma A</u>	<u>Turma B</u>	<u>Turma C</u>
Port.	— Saraiva	Serra	Serra
Fr.	— D. Manuela	D. Dorinda	D. M. ^a da Luz
Ingl.	— Matos	Matos	Matos
Hist.	— D. Madalena	D. Madalena	D. Madalena
Geog.	— Patrício	Saraiva	D. Alcídia
C. N.	— Teixeira (4)	Orlando	Orlando
F. Q.	— Euclides	Euclides	Euclides
Mat.	— D. Amélia (Sec.)	D. Amélia	D. Amélia
Des.	— D. Aurélia	D. Aurélia	D. Aurélia
Rel.	— Rebimbas	A. Freire	Rebimbas
Ed. Fis.	— —	P. Ferreira	P. Ferreira
C. C.	— D. Olide	D. Olide	Lé
Lav.	— D. M. ^a Furtado	D. M. ^a Furtado	—

Contínuos das turmas — Peixinho (t. A), Acácio (t. B), Moreira (t. C)

(1) — Substituído a partir de 9 de Abril pela prof. eventual *D. Maria Alice Dias Ramos*, por ter sido nomeado relator do concurso de livros.

(2) — Substituído a partir de 4 de Abril pela prof. eventual *D. Maria Isabel Lobo Neves*, por ter sido nomeado relator do concurso de livros.

(3) — Substituído a partir de 11 de Abril.

(4) — Substituído a partir de 4 de Abril.

Professores do 5.º ano

	Turma A	Turma B
Port.	— Serra	Serra
Fr.	— D. Manuela	D. Manuela
Ing.	— D. Mad. Redondo (Sec.)	D. Mad. Redondo
Hist.	— Assis (1)	Assis (1)
Geogr.	— D. Alcídia	D. Alcídia
C. N.	— Orlando	Orlando
F. Q.	— Teixeira (2)	Teixeira (2)
Mat.	— F. Neves	F. Neves
Des.	— D. Aurélia	D. Aurélia
Rel.	— Rebimbas	Rebimbas
Ed. Fis.	— —	P. Ferreira
C. C.	— D. Olide	Lé
Lav.	— D. M.ª Furtado	—

Continuos das turmas — Peixinho (t. A), Fr. Gamelas (t. B)

3.º ciclo: Director — José Carneiro da Silva, Secretário — Pedro Serra.

Professores do 6.º e 7.º anos

	6.º ano	7.º ano
Port.	— Santos (Sec.)	Santos (Sec.)
Lat.	— Reitor	Saraiva
Gr.	— Serra	Santos
Fr.	— D. Manuela	Gaspar
Ing.	— D. Mad. Redondo e Matos	D. M.ª da Luz
Al.	— D. M.ª da Luz	D. M.ª da Luz
Hist.	— Assis	D. Madalena
Fil.	— D. Madalena	D. Madalena
Geogr.	— Patrício	Patrício
C. N.	— Orlando	Orlando
F. Q.	— Teixeira (3)	Euclides
Mat.	— Carneiro (4)	Carneiro (4)
Des.	— Rocha	Rocha
Organ.	— D. Madalena	Assis
Rel.	— Rebimbas	Rebimbas
Ed. Fis.	— P. Ferreira	P. Ferreira

Continuos das turmas — Acácio (6.º), Moreira (7.º)

- (1) — Substituído a partir de 9 de Abril.
- (2) — Substituído a partir de 4 de Abril.
- (3) — Substituído a partir de 4 de Abril.
- (4) — Substituído a partir de 11 de Abril.

4 — *Os horários.* — A distribuição dos tempos lectivos fez-se de harmonia com o Art.º 351.º do Estatuto do Ensino Liceal (dois períodos de três tempos cada, o primeiro a começar às 9 horas e o segundo às 14).

5 — *Funcionamento das aulas e sessões.* — Deviam ter-se realizado durante o ano lectivo 16.415 aulas [6.455 no 1.º ciclo; 6.247 no 2.º ciclo; 3.713 no 3.º ciclo]. Tendo-se realizado 15.219 [5.870 no 1.º; 5.874 no 2.º e 3.475 no 3.º ciclo], deixaram de se realizar 1.196 [585 no 1.º, 373 no 2.º, 238 no 3.º ciclo], por falta de professores, por doença, por nojo e em virtude de serviço oficial.

A assiduidade dos professores pode considerar-se boa; a dos alunos, por vezes bastante irregular, não obstante as medidas tomadas pelos directores de ciclo e seus delegados e pela reitoria.

6 — *A disciplina.* — Não houve casos graves de indisciplina.

7 — *Reuniões dos conselhos:*

a) — *Conselho Escolar:*

2-X-950 — Escolha dos livros para o ensino no ano lectivo de 1950-1951; eleição dos professores para o desempenho das funções de Juiz Adjunto do Tribunal da Tutoria Comarcã e seu substituto.

18-XI-950 — Eleição do delegado dos professores deste Liceu para o efeito de eleger o Procurador dos professores liceais ao Conselho Provincial.

10-I-951 — Apreciação das circulares da Direcção Geral do Ensino Liceal n.º 785 e 1125.

6-VIII-951 — O Reitor apresentou ao Conselho o regulamento do prémio "Dr. Armando da Cunha Azevedo", instituído pelo Ex.ª Senhora D. Berta Rocha Martins da Cunha Azevedo e aprovado pelo Subsecretário de Estado da Educação Nacional por despacho de 15 de Junho de 1951, do teor seguinte:

«Regulamento do «Prémio Dr. Armando da Cunha Azevedo», instituído pela Ex.^{ma} Senhora D. Berta Rocha Martins da Cunha Azevedo :

Art.º 1.º — Berta Rocha Martins da Cunha Azevedo institui no Liceu Nacional de Aveiro o «Prémio Dr. Armando da Cunha Azevedo», da importância de 300\$00, em memória de seu marido, que nele exerceu o ensino.

Art.º 2.º — Tem direito ao prémio o aluno interno, ou aluna, que haja obtido, em ano de passagem por média, ou em exame, a maior classificação na disciplina de Matemática.

Art.º 3.º — Havendo dois ou mais alunos com a mesma classificação, terá direito ao prémio o mais novo.

Art.º 4.º — Logo que seja feito o apuramento final, participá-lo-á a reitoria do Liceu à instituidora do prémio, que enviará a respectiva importância, a fim de ser entregue, na sessão de abertura das aulas do ano lectivo imediato, ao aluno premiado.

Aveiro, 13 de Junho de 1951».

Seguidamente agradeceu a todos os professores a leal colaboração que lhe prestaram durante o ano escolar findo.

b) — Conselho Disciplinar :

3-X-950 — Marcação dos dias e horas em que os directores de cada ciclo e seus delegados recebem os encarregados da educação dos alunos; troca de impressões sobre a circular n.º 1556, os 24 de Novembro de 1948 e sobre o doseamento das lições a marcar aos alunos.

7-XI-950 — Voto de sentimento pelo falecimento do prof. de canto coral António Augusto Gonçalves Estêvão; relevação de faltas a um aluno do 2.º ano.

7-XII-950 — Disciplina de várias turmas.

19-XII-950 — Marcações dos dias e horas para as reuniões de apuramento da frequência do 1.º período escolar; relevação de faltas a um aluno do 1.º ano e a outro do 7.º; punição aplicada a um aluno do 3.º ano.

- 5-I-951 — Troca de impressões acerca do rendimento escolar do 1.º período.
- 13-I-951 — Aplicação de penas a uma aluna do 3.º ano e a um aluno do 6.º.
- 17-I-951 — Relevação de faltas a uma aluna do 7.º ano.
- 26-I-951 — Aplicação de castigo a uma aluna do 2.º ano.
- 2-II-951 — Aplicação de castigos a duas alunas do 2.º ano.
- 5-II-951 — Aplicação de castigo a uma aluna do 3.º ano.
- 1-III-951 — Relevação de faltas a uma aluna do 1.º ano e a um aluno do 3.º.
- 12-III-951 — Relevação de faltas a um aluno do 3.º ano e a outro do 5.º; marcação dos dias e horas para as reuniões de apuramento da frequência do 2.º período escolar.
- 14-III-951 — Relevação de faltas de uma aluna do 1.º ano.
- 16-IV-951 — Apreciação do rendimento das turmas no 2.º período escolar.
- 30-IV-951 — Relevação de faltas a uma aluna e a um aluno do 4.º ano.
- 8-V-951 — Relevação de faltas a um aluno do 4.º ano.
- 16-V-951 — Relevação de faltas a um aluno do 3.º ano, a um do 6.º e a uma aluna do 7.º; aprovação do projecto de excursão de alunas da Mocidade Portuguesa Feminina em 20 de Maio (Domingo) ao Caramulo e Buçaco.
- 1-VI-951 — Aprovação do projecto de excursão de alunos da Mocidade Portuguesa em 3 de Junho (domingo) ao Buçaco.
- 8-VI-951 — Relevação de faltas a dois alunos do 1.º ano.
- 12-VI-951 — Marcação do horário das reuniões de apuramento final da frequência; relevação de faltas a um aluno do 4.º ano.

c) — *Conselhos de ciclo :*

1.º ciclo

18-X-950 — Fixação dos dias destinados a exercícios escritos em todas as turmas do 1.º e 2.º anos. Resoluções sobre a coordenação do ensino.

12-VI-951 — Cumprimento dos programas.

2.º ciclo

20-X-950 — Marcação dos dias destinados a exercícios escritos de todas as turmas do ciclo.

30-XI-950 — Coordenação do ensino ; disciplina ; problema das faltas.

d) — *Conselhos de anos*

1.º ano

28-XI-950 — Coordenação do ensino.

20-XII-950 — Reunião de apuramento do 1.º período.

25-I-951 — Coordenação do ensino.

28-II-951 — Idem.

14-III-951 — Reunião de apuramento do 2.º período.

30-IV-951 — Coordenação do ensino.

31-V-951 — Idem.

15-VI-951 — Reunião de apuramento do 3.º período.

2.º ano

28-XI-950 — Coordenação do ensino.

21-XII-950 — Reunião de apuramento do 1.º período.

25-I-951 — Coordenação do ensino.

28-II-951 — Idem.

14-III-951 — Reunião de apuramento do 2.º período.

30-IV-951 — Coordenação do ensino.

31-V-951 — Idem.

15-VI-951 — Apuramento da frequência do 3.º período.

3.º, 4.º e 5.º anos

- 30-XI-950 — Coordenação do ensino.
 21-XII-950 — Apuramento da frequência do 1.º período.
 26-I-951 — Coordenação do ensino.
 6-III-951 — Idem.
 15-III-951 — Apuramento da frequência do 2.º período.
 27-IV-951 — Coordenação do ensino.
 25-V-951 — Idem.
 13-VI-951 — Idem.
 15-VI-951 — Apuramento da frequência do 3.º período.

6.º e 7.º anos

- 19-X-950 — Marcação dos dias para exercícios escritos.
 28-XI-950 — Coordenação de ensino.
 22-XII-950 — Apuramento da frequência do 1.º período.
 29-I-951 — Rendimento do 1.º período.
 27-II-951 — Recolha de informações sobre o aproveitamento do ensino, coordenação do ensino, etc..
 16-III-951 — Apuramento do 2.º período.
 26-IV-951 — Apreciação do rendimento escolar do 2.º período.
 30-V-951 — Troca de impressões sobre o possível cumprimento dos programas.
 11-VI-951 — Programas.
 15-VI-951 — Apuramento da frequência do 3.º período.

8 — *Cumprimento dos programas.* — 1.º ciclo — Cumpriram-se integralmente. — 2.º ciclo — Apenas ficaram por dar alguns trechos de Francês. — 3.º ciclo — No 6.º ano, disciplina de Português, não foi tratada a parte do programa relativa a Alexandre Herculano; na disciplina de Latim, foram dados poucos trechos de César; e na disciplina de

História, por não haver livro aprovado, não pôde ser tratada a última parte do programa, relativa à "Civilização Contemporânea". — No 7.º ano, não foram dados todos os trechos de Latim; em Grego não se exemplificaram textos de Aristóфанes; e em Alemão, por falta do livro, não foram dados todos os textos.

9 — *Coordenação do ensino* — As disciplinas entregues a professores diferentes em turmas paralelas foram as de *Português, Francês Matemática e Desenho*, no 1.º ano; as de *Português e Francês* no 2.º ano; as de *Português e F. Q.* no 3.º; as de *Português, Francês, Geografia e C. Nat.* no 4.º; e as de *Português, Francês e Geografia* no 5.º. A coordenação do ensino fez-se pelo entendimento entre os respectivos professores, já nos conselhos, já pelo convívio de todos os dias.

10 — Os exames:

a) Constituição dos júris:

1.º ciclo (2.º ano)

Provas escritas

<i>Português</i>	— Serra
<i>Francês</i>	— Gaspar
<i>Ciências</i>	— D. Alcídia
<i>Matemática</i>	— F. Neves
<i>Desenho</i>	{ Euclides { Carneiro (Pres.)

Provas orais

1.º Júri

Saraiva (1)
Gaspar
Patrício
F. Neves (Pres.)

2.º Júri

Saraiva (1)
D. Maria da Luz
Patrício
Rocha (Pres.)

2.º ciclo (5.º ano)

Secção de Letras

Provas escritas

<i>Português</i>	— Santos
<i>Francês</i>	— D. Dorinda
<i>Inglês</i>	— Matos (Pres.)
<i>História</i>	— D. Madalena

Provas orais

1.º Júri

Serra
D. Dorinda
Matos (Pres.)
D. Madalena

2.º Júri

Santos
D. Manuela (2)
D. M.ª Madalena
Assis (Pres.)

(1) — Substituído pela prof. do Ensino Particular D. Odete Maria de Carvalho Figueiredo, a partir do dia 20 de Julho, em virtude de ter sido mandado prestar serviço de exames no Liceu da Póvoa de Varzim.

(2) — Substituída desde o dia 20 de Julho pela prof. D. Dorinda, em virtude de haver sido mandada prestar serviço de exames no Liceu da Póvoa de Varzim.

Secção de Ciências

Provas escritas

Provas orais

		1.º Júri	2.º Júri
<i>Geografia</i>	— Patrício	D. Alcídia	D. Alcídia
<i>C. Naturais</i>	— Teixeira	Orlando	Orlando
<i>C. Fis. Quím.</i>	— Orlando	Euclides	Teixeira (Pres.)
<i>Matemática</i>	— Carneiro	Carneiro (Pres.)	D. Amélia
<i>Desenho</i>	— Rocha (Pres.)	—	—

3.º ciclo (7.º ano)

Provas escritas

Provas orais

<i>Português</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Assis (Pres.)
<i>Latim</i>	{ Santos (Lat.)	{ Santos (P. e Gre.)
<i>Grego</i>	{ Saraiva (P. e Gre.)	{ Saraiva (Lat.)
<i>Francês</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Reitor (Pres.)
	{ D. Manuela	{ Gaspar
	{ D. Maria da Luz	{ D. Dorinda
<i>Inglês</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Reitor (Pres.)
<i>Alemão</i>	{ Matos	{ D. Maria da Luz
	{ D. Maria Madalena	{ Matos
<i>História</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Reitor (Pres.)
<i>Geografia</i>	{ Assis	{ D. Madalena (Hist.)
	{ D. Amélia	{ Patrício (Geog.)
<i>Filosofia</i> (1)	{ Reitor (Pres.)	{ D. Aurélia (Pres.)
	{ Assis	{ D. Madalena
	{ D. Amélia	{ Patrício
<i>C. Naturais</i> (1)	{ Reitor (Pres.)	{ Reitor (Pres.)
	{ Teixeira	{ Orlando
	{ Orlando	{ D. Aurélia
<i>Fis. Químicas</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Orlando (Pres.)
	{ Teixeira	{ Euclides
	{ Orlando	{ Saraiva
<i>Matemática</i>	{ Reitor (Pres.)	{ F. Neves (Pres.)
	{ D. Amélia	{ Carneiro
	{ F. Neves	{ D. Amélia
<i>O. P. A.</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Matos (Pres.)
	{ D. Madalena	{ Assis
	{ Patrício	{ Santos
<i>Desenho</i>	{ Reitor (Pres.)	{ Gaspar (Pres.)
	{ D. Aurélia	{ Rocha
	{ Orlando	{ D. Manuela

(1) — As provas foram classificadas no Liceu de D. João III.

Cursos Complementares (antigo regime)

7.º ano de Letras

<i>Lit. Portuguesa</i>	— Santos
<i>Latim</i>	— Serra
<i>C. Geográficas</i>	— Patrício
<i>Filosofia</i>	— D. Madalena
<i>O. P. A.</i>	— Assis (Pres.)

7.º ano de Ciências

<i>O. P. A.</i>	— Assis
<i>C. Geográficas</i>	— Patrício
<i>Filosofia</i>	— D. Madalena
<i>Matemática</i>	— Carneiro
<i>C. Biológicas</i>	— Orlando (Pres.)
<i>Fis. Química</i>	— Teixeira

Exames de transição

1.º e 2.º ano

<i>Português</i>	— D. M. ^a da Luz
<i>Francês</i>	— »
<i>Ciências</i>	— Patrício
<i>Matemática</i>	— D. Amélia
<i>Desenho</i>	— Rocha

3.º e 4.º ano

<i>Português</i>	— D. M. ^a da Luz
<i>Francês</i>	— D. Dorinda
<i>Inglês</i>	— D. Madalena
<i>História</i>	— Assis
<i>Geografia</i>	— Patrício
<i>C. Naturais</i>	— Orlando
<i>Fis.-Química</i>	— Teixeira
<i>Matemática</i>	— D. Amélia
<i>Desenho</i>	— Rocha

Todos os exames decorreram com a maior normalidade. Recursos apenas houve o de uma aluna do 5.º ano, que o interpôs na disciplina de Ciências Físico-Químicas, cuja prova fora classificada com 10,3. Foi dado provimento que não alterou o resultado do exame, visto a prova ter sido classificada com 10,5, insuficiente para a admissão à prova oral na respectiva secção.

Continuam os alunos externos a apresentar-se por vezes deploravelmente habilitados, em especial os maiores e emancipáveis. Para exemplificação registam-se aqui respostas dadas na prova escrita da disciplina de História :

"D. João V escreveu a "Arte de bem cavalgar toda a sela,,,".

"O plano do mosteiro da Batalha foi feito pelo arquitecto português Afonso Lopes Vieira,,,".

"O realizador da ocidentalização da Rússia foi Manólette,,,".

"Os três maiores artistas do Renascimento foram L. de Vinci, Miguel Ângelo e Vitor Hugo,,; ou :

"Miguel Ângelo, Vinci e Ésquilo no Teatro,,; ;

"Miguel Ângelo, Vinci e La Fontaine, exímia escritora,,; ;

"Vinci, Anacreonte e Píndaro,,; ;

"Miguel Ângelo, Montesquieu e Vinci,,.

"Por morte de D. José e sucessão ao trono de sua filha D. Maria foi o Marquês de Pombal desterrado. São iniciados os descobrimentos,,.

"O livro sagrado dos persas : a Bíblia,,.

"A Ocidentalização da Rússia quer dizer : puxar todas as terras do Ocidente da Rússia para dentro,,.

"As letras e as artes começaram a partir do reinado de Afonso V, devido às riquezas fabulosas da Índia,,.

"João Sem Terra, filho de Carlos Magno, dividiu o império por três filhos,,.

"A Rússia encontra-se separada do Báltico pelo Mar Negro,,.

"Várias viagens foram feitas para atingir a Índia. Temos, por exemplo, no reinado de D. Afonso Henriques, com Fuas Roupinho,,.

"O Marquês de Pombal não devia ter expulsado os Jesuítas, porque eles foram os obreiros da colonização de Portugal até mesmo no tempo de D. Afonso Henriques,,.

Exames de admissão

Prova escrita (Art.º 266.º do Estatuto) — Presidente — Reitor ; **Vogais :** Santos (Ditado), D. Maria da Luz (Redacção), D. Amélia (Aritmética) e D. Aurélia (Desenho).

Prova oral (Art.º 267.º) : 1.º júri — **Presidente —** Rocha (Arit.); **Vogais —** Santos (Port.), D. Madalena (Hist.). — 2.º júri — **Presidente —** Assis (Hist.); **Vogais —** D. Maria Madalena (Port.), Teixeira (Arit.). — 3.º júri — **Presidente —** Orlando (Arit.); **Vogais —** Matos (Port.), Patrício (Hist.). — 4.º júri — **Presidente —** Carneiro (Arit.); **Vogais —** D. Maria da Luz (Port.), D. Alcídia (Hist.).

Foi o seguinte o resultado destes exames :

Dos 350 examinados, faltaram às provas escritas 2 ; foram excluídos das provas orais 25 ; foram eliminados na prova oral 63 ; foram admitidos 285.

Percentagem de reprovações — 18,1

" de aprovações — 81,6

Estas cifras indicam uma apreciável melhoria de preparação.

11 — *Rendimento do ensino* (disciplinas eliminatórias)

a) — *Em quantidade* :

As percentagens de alunos aprovados por média ou em exame foram os seguintes :

1.º ciclo

1.º ano

Turma A — 84 0/0 ; T. B — 84,6 0/0 ; T. C — 90,6 0/0 ; T. D — 87 0/0.

2.º ano :

Turma A — 84 0/0 ; T. B — 92,3 0/0 ; T. C — 90,4 0/0.

No exame — 100 (Ext. 99)

2.º ciclo

3.º ano :

Turma A — 75 0/0 ; T. B — 78,3 0/0.

4.º ano :

Turma A — 80,7 0/0 ; T. B — 88 0/0 ; T. C — 82,1 0/0.

5.º ano :

Turma A — 86,4 0/0 ; T. B — 80,6 0/0.

No exame :

Letras — 94,1 0/0 (Ext. 89,2 0/0) ;

Ciências — 93,7 0/0 (Ext. 68,4 0/0).

3.º ciclo

6.º ano :

Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, Alemão, História, Geografia e Organização — 100 0/0.

Filosofia — 92 0/0.

Ciências Naturais — 79 0/0.

Ci. Fis-Químicas — 97 0/0.

Matemática — 95 0/0.

Desenho — 92 0/0.

7.º ano :

Inglês, Alemão, História e Geografia — 100 0/0.

Português — 71 0/0.

Latim — 57 0/0.

Grego — 40 0/0.

Francês — 50 0/0.

Filosofia — 90 0/0.
 C. Naturais — 86 0/0.
 C. Fis-Químicas — 50 0/0.
 Matemática — 94 0/0.
 Desenho — 68 0/0.
 Organização — 97 0/0.

b) — *Em qualidade* :

Obtiveram notas superiores a 9 valores, em todas as disciplinas e períodos, 137 alunos, assim discriminados:

Transporte — 83

1.º ano	4.º ano
Turma A — 13	Turma A — 3
" B — 9	" B — 4
" C — 8	" C — 8
" D — 12	42
2.º ano	5.º ano
Turma A — 9	Turma A — 7
" B — 10	" B — 7
" C — 7	14
3.º ano	6.º ano
Turma A — 8	17
" B — 7	7.º ano — 8
	137

Transitaram ou foram aprovados em exame com notas de 16 ou 15 :

Com 16 valores — 11 no 2.º ano ; 1 no 3.º e 1 no 5.º ;

Com 15 valores — 2 no 1.º ano ; 2 no 2.º ano ; 1 no 3.º ; 4 no 5.º ; 1 no 6.º e 3 no 7.º.

D — *As Instalações*

1 — *Enumeração das instalações com director privativo*:
 Biblioteca, Física e Química, Ciências Naturais, Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais.

2 — *Biblioteca*. — Foi director o prof. efectivo do 1.º grupo Pedro Serra, e auxiliar o contínuo João Baptista Moreira.

O movimento de leituras foi o seguinte: requisições de livros — 1.524 (687 na biblioteca, 837 para casa).

Desde Outubro de 1950 a Setembro de 1951, entraram na biblioteca, por compra e por oferecimento, 109 volumes.

3 — Outras instalações:

a) — **Física** — Foi director o prof. efectivo do 7.º grupo Euclides Simões de Araújo e empregado auxiliar o contínuo Domingos Ferreira.

Aquisições: a) 3 acumuladores alcalinos (451\$00); 1 amperímetro (1.580\$00); 1 voltímetro (1.245\$00); 1 proveta de 10 cm. (20\$00); 1 termómetro (165\$00).

Sessões realizadas:

6.º ano — 38 — Prof. J. A. Teixeira

7.º " — 34 — " Euclides de Araújo

Aulas teóricas-práticas:

3.º A — 37 — Prof. Euclides

B — 21 — " Teixeira

4.º A — 17 — " Euclides

B — 20 — " "

C — 13 — " "

5.º A — 17 — " Teixeira

B — 16 — " "

7.º ano — 3 — " Euclides

b) — **Química** — Foi director o prof. efectivo do 7.º grupo José Augusto Teixeira e auxiliar o contínuo João de Morais Gamelas.

Material e reagentes — 291\$20

Material inutilizado:

1 retorta de grés — 20\$00

1 cadinho de porcelana — 5\$00

Vários tubos de ensaio — 35\$00

Outro material de vidro — 126\$30

Aulas práticas:

6.º ano

1.º turno — 11 { 2 — Teixeira
9 — D. Isabel

2.º turno — 12 { 2 — Teixeira
10 — D. Isabel

7.º ano

1.º turno — 12 — Euclides

2.º " — 13 — "

Aulas teóricas-práticas:

3.º ano

Turma A — 10 — Euclides

" B — 3 { 1 — Teixeira
2 — D. Isabel

4.º ano

Turma A — 19 — Euclides

" B — 21 — "

" C — 20 — "

5.º ano

Turma A — 11 { 5 — Teixeira
6 — D. Isabel

" B — 7 { 4 — Teixeira
3 — D. Isabel

7.º ano — 2 — Euclides

c) — *Clências Naturals* — Foi director o prof. efectivo do 6.º grupo Orlando de Oliveira e empregado auxiliar o continuo Francisco de Moraes Gamelas.

Durante o ano foram feitas as seguintes aquisições:

1) — Mais preparações microscópicas para complemento da colecção existente, no valor de Esc. 382\$50;

2) — Um melro ribeirinho empalhado, no valor de 20\$00, oferecido por um aluno sem dispêndio para o gabinete;

3) — Outra ave no valor de 20\$00, também oferecida por um aluno;

4) — Cinco amostras de minerais diversos, todas oferecidas, no valor de 25\$00;

5) — Reagentes e materiais de uso laboratorial, no valor global de Esc. 264\$00;

6) — Um exemplar de texugo, comprado por 20\$00 e preparado no laboratório.

As aulas realizadas no gabinete foram as seguintes :

1.º ciclo : 2.º A — 6 — prof. Patrício

B — 20 — " "

C — 7 — " "

2.º ciclo : 4.º A — 12 — " Teixeira

B — 49 — " Orlando

C — 49 — " "

5.º A — 48 — " "

B — 26 — " "

3.º ciclo : 6.º ano — 148 — " "

7.º " — 147 — " "

Das 148 aulas do 6.º ano, 99 foram teóricas e 49 práticas; das 147 do 7.º ano, 101 foram teóricas e 46 foram práticas.

d) — **Geografia** — Foi director o prof. auxiliar Amílcar Patrício e empregado auxiliar o servente João Maria Pereira Júnior.

e) — **Desenho e trabalhos manuais**. — Foi directora a professora do 9.º grupo D. Maria Aurélia de Andrade de Almeida e empregado auxiliar o contínuo João dos Santos Peixinho.

E — Obras circum-escolares

1 — *Associações escolares*. — Os bens da antiga «Associação Escolar do Liceu de José Estêvão» pertencem hoje aos Centros da Mocidade Portuguesa, conforme com as disposições do Dec. n.º 32.324, de 31 de Agosto de 1942.

2 — *Assistência Escolar.* — Os subsídios concedidos pelo Estado e Mocidade Portuguesa foram :

Isenção de propinas	— 46.785\$00
Bolsas de Estudo (3)	— 9.000\$00
Mocidade Portuguesa	— 1.455\$00
Mocidade Portuguesa Feminina	— 802\$00

3 — Prémios

a) — Prémio do «Governador Civil Nicolau Anastácio de Bettencourt» (300\$00), a cargo do Banco Regional de Aveiro, atribuído à aluna do 5.º ano Maria Manuela Gomes da Costa Góis, distinta com 16 valores.

b) — Prémio do «Dr. Santos Reis» (112\$50), concedido à aluna do 7.º ano Maria Orquídea Sucena e Graça Cadete.

c) — Prémio da «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro» (100\$00), concedido à aluna do 4.º ano Margarida Fernandes de Carvalho, que obteve a mais alta classificação na disciplina de Português.

d) — Prémio «João Carlos» (500\$00), a cargo do Sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, concedido à aluna do 2.º ano Maria Manuela Tavares Barreto, por ter obtido o maior aproveitamento entre todos os alunos.

e) — Prémio «Dr. Armando da Cunha Azevedo» (300\$00), instituído pela Sr.ª D. Berta Rocha Martins da Cunha Azevedo, atribuído à aluna do 5.º ano Marinete Nunes Pires, que obteve a mais alta classificação na disciplina de Matemática.

Estes prémios foram distribuídos no final da sessão da abertura das aulas do ano lectivo de 1951-1952, no dia 1 de Outubro de 1951.

4 — *Salas de Estudo.* — Não houve.

5 — *Aprendizagens úteis fora do plano de estudos.* — Não houve.

6 — *Cantina.* — Foi dirigida pelo prof. auxiliar do 5.º grupo Amílcar Patrício, que teve como auxiliar o contínuo Amadeu Estimado. O número total de almoços fornecidos foi de 8.178 (7.368 pagos, 810 gratuitos).

A receita cobrada foi de Esc. 53.038\$70 e a despesa de 54.520\$84.

Saldo negativo para 1951-1952 — 1.482\$14.

7 — Sessões culturais:

11-V-951 — Sessão realizada no ginásio, integrada na «Semana do Ultramar Português», da iniciativa da prestimosa «Sociedade de Geografia» e dedicada à província ultramarina de Macau. Presidiu o Reitor, secretariado pelo Vice-reitor (Dr. António Rocha) e pelo professor de Religião e Moral (Dr. Abreu Freire), e a ela assistiram os professores e alunos. Foi conferente o Alferes de Infantaria n.º 10, Élio Pires Afreixo, antigo aluno do Liceu de Aveiro, que desenvolveu o tema de «*Macau, projecção de Portugal no Extremo Oriente*». Apresentado pelo presidente à assistência, o Sr. Alferes Afreixo leu o seu trabalho, ordenado como segue: I — *Origens de Macau: bosquejo histórico*; II — *Território e aspecto económico*: a) *Situação geográfica*; b) *Clima*; c) *Agricultura, comércio e indústria*; d) *O porto de Macau e vias de comunicação*; III — *A população e seus caracteres*: a) *A raça chinesa, a grande massa populacional da colónia, e os seus caracteres psicológicos*; b) *A harmonia das relações luso-chinesas, binário de mútua compreensão e respeito*; c) *A nossa acção social através da assistência e beneficência*; d) *Alguns episódios da história da colónia: Ferreira do Amaral e Nicolau de Mesquita*; IV — *A acção do Padroado através da diocese de Macau*; V — *A posição de Macau na órbita do conflito asiático*.

8 — *Cinema escolar*. — Não houve.

9 — *Visitas de estudo e excursões*. — As visitas e passeios de estudo deste ano foram:

a) — *Excursão da Mocidade Portuguesa Feminina* (alunas do 1.º ao 6.º ano), no dia 20 de Maio (domingo) com o seguinte itinerário: Agueda — Caramulo — Mortágua — Santa Comba — Buçaco — Luso — Curia — Aveiro. Foi bastante prejudicada pela chuva. Dirigiram-na as professoras D. Amélia Cecília Cunha da Rosa, subdelegada regional da M. P. Feminina; D. Maria da Luz da Silva Pereira, directora do Centro; D. Dorinda Agualusa e D. Maria Manuela Mariano.

b) — *Excursão da Mocidade Portuguesa em 3 de Ju-*

nho (domingo), com o seguinte itinerário: Aveiro—Oliveira do Bairro — Mealhada — Luso — Buçaco — Curia—Aveiro. Objectivos: 1) — Visita ao museu histórico da Guerra Peninsular; 2) — Visita ao monumento comemorativo do Buçaco; 3) — Palestra junto do monumento pelo professor, dirigente da excursão, Dr. Pedro Serra.

10 — *Exposições escolares* — No dia 10 de Junho (domingo), pelas 15 horas, abriu-se ao público a exposição de trabalhos manuais, herbários e desenhos dos alunos dos três ciclos (sala de desenho) e a de trabalhos femininos (sala n.º 16 do rés-do-chão do edifício principal), — tudo disposto pelos respectivos professores, auxiliados por alunos.

11 — *Comemorações e festas escolares.*

a) — *Abertura das aulas.* — Realizou-se no ginásio do Liceu pelas 10 horas do dia 2 de Outubro (2.ª feira), com a assistência dos professores em exercício, dos alunos e dos pais e encarregados da educação e das autoridades civis e militares. Em lugar de honra, Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal. Presidiu o Reitor, secretariado pelo Sr. Presidente da Câmara (Dr. Álvaro Sampaio) e pelo representante do Comandante Militar (Cap. Evangelista Barreto). Falcu primeiramente o Reitor, que fez o balanço geral do aproveitamento escolar do ano transacto, proclamou os nomes dos alunos distintos e dos premiados e se dirigiu aos pais e encarregados, incitando-os a colaborar na obra educativa do Liceu. Em seguida, proferiu a oração de sapiência o professor auxiliar do 1.º grupo, Dr. Alvaro dos Santos Saraiva de Carvalho, que dissertou sobre — "*O Latim e a Pedagogia*" —, trabalho que se reproduz no Apêndice deste anuário.

Por fim, foram entregues os prémios aos alunos galardoados em 1949-1950.

b) — *Comemoração do 1.º Centenário do nascimento de Guerra Junqueiro.* — Realizou-se no dia 16 de Dezembro de 1950, no ginásio do Liceu, com a assistência dos professores, dos alunos e suas famílias e das autoridades civis e militares. Presidiu o Reitor, secretariado pelo Sr. Major Roboredo, de Cavalaria n.º 5, e pela prof. agregada D. Amélia Cecília Cunha da Rosa, subdelegada regional da Mocidade Portuguesa.

dade Portuguesa Feminina. Depois de aberta a sessão pelo Presidente, que justificou a colaboração do Liceu de Aveiro na celebração do 1.º centenário de um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos e fez a apresentação da conferente, D. Maria Manuela Cura Mariano, professora agregada e antiga aluna deste Liceu, o orfeão entoou, sob a regência da professora de canto coral D. Olíde Nunes, dois números com letra de Junqueiro: *A Moleirinha* (música de Tomás Borba) e *Falam casebres de Pescadores*, do «*Finis Patriae*» (música de Lopes Graça).

Seguiu-se a conferência da citada professora, «*Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*», durante a qual recitaram poesias os seguintes alunos: Maria do Amparo de Carvalho, do 3.º A (*Morena*); Maria Manuela Góis, do 5.º A (*Minha Mãe!...*, da «*Velhice*»); Ulisses Rodrigues Pereira, do 7.º ano (monólogo do *Astrologus*, da «*Pátria*»); Patrício Bismarque F. do Agro, do 7.º ano (alguns tercetos da fala de Nun'Alvares, da «*Pátria*»); Maria do Amparo de Carvalho (*A Moleirinha*); Ilda Neves, do 4.º A («*Os Pobrezinhos*»); Rogério Leitão, do 5.º B («*Regresso ao Lar*»); Maria Marques de Almeida e Silva do 6.º ano («*A Lágrima*»); e Marinete Nunes Pires do 5.º A («*O Primeiro Filho*»).—Por fim, o prof. primário Sr. José Duarte Simão, (1) a quem a reitoria tinha convidado para tal fim, leu a poesia *O Fiel* (de *A Musa em Férias*), um trecho, da introdução de «*A Morte de D. João*» e «*A Mocidade das Escolas*» do *Finis Patriae* (1).—E a sessão terminou com a entoação do hino nacional pelo orfeão.

c) — *Récita de despedida dos alunos do 7.º ano* no dia 16 de Maio, no Teatro Aveirense. Foi organizada pela Reitoria do Liceu e pela direcção do Centro da Mocidade Portuguesa e dirigida pelos professores José Augusto Teixeira e António Rocha. Eis o programa: I — *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, desempenhada pelos alunos do 7.º ano Maria José Pinho (*Inês*); Lucinda Brandão (*Mãe*) (6.º ano); Maria Margarida Marques da Silva (*Leonor Vaz*); Patrício Bismaque (*Pero Marques*); Manuel Fernandes da Costa Ferreira (*Judeu Latão*); Joaquim Vilão (*Judeu Vidal*); Bernardino Silva (*Escudeiro*); António Pascoal (*Moço*); Célia Mato (*Luzia*); António Pega (*Fernando*); Ulisses Pereira (*Ermitão*). II — A peça do prof. José Augusto Teixeira, inspirada na «*Ceia dos Cardeais*» — *Após a Ceia dos Pro-*

(1) — Este Professor, distinto amador dramático, tem sido, desde 1932, zelosíssimo ensaiador das récitas escolares do Liceu.

fessores —, interpretada pelos alunos Bismarque (*Dr. Barreto*), Pascoal (*Dr. Honório*), Ulisses (*Dr. Gouveia*) e Armando Saraiva (*Criado*). — III — *Acto de variedades* (Danças, recitações, prestidigitação, música e canto).

d) — *Sessão Camonianiana* — A tradicional comemoração do dia de Camões realizou-se no ginásio do Liceu em 9 de Junho, pelas 16 horas. Presidiu o Sr. Governador Civil substituto (*Dr. Fernando Marques*) e secretariaram a mesa os Srs. Presidente da Câmara (*Dr. A'lvares Sampaio*) e representante do Comandante Militar (*Ten.-Coronel Ângelo Costa*). Em lugar de honra, o Sr. Arcebispo-Bispo D. João Evangelista de Lima Vidal. — Em primeiro lugar, o orfeão maior entoou vários números, entre eles um, camonianiano, da autoria do prof. eventual de Canto Coral João Lé, além dos hinos nacional e da Mocidade Portuguesa, e seguiu-se uma palestra do Reitor sobre "*Camões e a Língua Portuguesa*".

e) — *Récita da Mocidade Portuguesa Feminina, no Teatro Aveirense, no dia 13 de Junho*. — O sarau, em que entraram alunas de todos os anos, desde o 1.º ao 6.º, constava do seguinte programa: I — *Orfeão: Hino nacional; Benedictus*, de O. Lassus; *São coradinhos* (Virgílio Pereira); *Canção de embalar* (Brahms); *Olha a Rostinha* (Resende Dias); *Hino da M. P. Feminina*. — II — Representação da opereta-fantasia de Virgínia Gersão, em 1 acto e 3 quadros, com música de Tomás Borba — "*A Gata Borralheira*" —, assim distribuída: *Gata Borralheira* — Maria Manuela Amaral; *Branca* — Esmeralda Duarte; *Clara* — Judite Rosete; *Madrasta* — Maria Teresa Coutinho; *Fada* — Ilda Neves; *Príncipe* — Maria da Graça Vicente; *Hora Presente* — Amália Maria Gil; *Pajem* — Nicole Mommens. — Coros de cor-tesãos e pajens, de flores e horas — III *Acto de variedades*, com bailados, recitativos e números relativos à vida liceal.

12 — *Participações em comemorações educativas* — Nas cerimónias do 1.º de Dezembro, da iniciativa do director do Centro da Mocidade Portuguesa.

13 — *Jogos escolares*. — Constam do n.º 15 deste capítulo.

14 — *Outras actividades de character circum-escolar*. — Na tarde do dia 14 de Outubro de 1950, foram ao Porto com o Reitor e professores Pedro Serra e D. Maria da Luz vinte e nove alunas e alunos do 6.º e do 7.º ano (13 alunas e 16 alunos), para assistirem, no Teatro Rivoli, à *récita cultural da Companhia do actor Robles Monteiro*, constante da peça de evocação do teatro português — "*A volta*" —,

de Gustavo de Matos Sequeira, e das peças de Gil Vicente — «*Auto da Barca do Inferno*» e «*Auto de Cananeia*» —, para a qual o director da Companhia ofereceu, a pedido do Reitor, lugares gratuitos. — Em 4 de Novembro, assistiram a maior parte dos alunos, no Teatro Aveirense, a uma récita cultural daquela Companhia com o «*Monólogo do Vaqueiro* e autos da *Barca do Inferno* e *Cananeia*», de Gil Vicente. Para essa récita ofereceu o actor Robles Monteiro cinquenta lugares a alunos pobres.

15 — *Mocidade Portuguesa*. — Foi director do Centro n.º 2 da Mocidade Portuguesa o professor auxiliar do 1.º grupo Alfredo dos Santos.

A receita foi de Esc. 10.228\$00. e a despesa de Esc. 7.791\$50. Saldo para 1951-1952 — 2.436\$50.

A obra de solidariedade constou de: pagamento de propinas, almoços (2.085\$00), livros (139\$00) transporte para a escola de graduados (365\$30) e passeio de estudo (500\$00).

Fez-se a comemoração do 1.º de Dezembro de 1640 com o seguinte programa: *A's 10 horas*, parada em frente do monumento aos mortos da Grande Guerra e desfile dos filiados; *às 11 horas*, missa na igreja da Misericórdia, celebrada por S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro (D. João Evangelista de Lima Vidal), com alocução patriótica do Sr. Dr. João Abreu Freire, prof. de Rel. e Moral; *às 15 horas*, sessão solene no Teatro Aveirense, na qual fez uma alocução o Rev.º Dr. José Pinto Carneiro, advogado em Coimbra. Houve ainda vários números patrióticos de filiados dos Centros n.º 1 e 2 e recitações pelo declamador Vasco de Lima Couto. Foram distribuídos os prémios alcançados pelos filiados da ala de Aveiro nos concursos nacionais das diferentes modalidades.

Há ainda a citar uma festa no Albergue de Mendicidade, de Aveiro, por ocasião do Natal, com o oferecimento de donativos para os pobres.

Mocidade Portuguesa Feminina. — Dirigiu o Centro a prof. agregada do 3.º grupo D. Maria da Luz da Silva Pereira e foi sua adjunta a professora agregada do 2.º grupo D. Dorinda Agualusa.

A receita do Centro foi de Esc. 20.787\$60 e a despesa de 18.995\$05. — Saldo para 1951-1952 — Esc. 1.792\$55.

A obra de solidariedade constou de almoços, propinas, livros e distribuição de roupas e géneros alimentícios aos pobres.

Além da festa mencionada na alínea e) do n.º 11 das «Obras circum-escolares», há a registar a comemoração do

«Dia na Mãe» no dia 8 de Dezembro de 1950, com missa na igreja da Misericórdia, de manhã, e exposição de berços e enxovais na sala de desenho do Liceu, — à tarde.

Por lapso, não se fez referência, no último relatório, à publicação, em 1949-1950, do jornalzinho dos alunos do 1.º ciclo — «O Pírilampo» — orientado pela professora agredada do 2.º grupo D. Dorinda Agualusa.

Não se publicou em 1950-1951.

16 — *Associação de cooperação com o Liceu.* — A «Sociedade dos antigos alunos do Liceu de Aveiro» custeou as despesas com a publicação do Anuário-relatório.

F — Higiene e Saúde Escolar

Prestou serviço o médico escolar Adérito Jaime Mendes Madeira.

Doenças infecto-contagiosas verificadas:

Gripe	82
Febre tifóide	2
Trasorelho	1
Sarampo	2
Escarlatina	1
Primo-infecção	1

Dias perdidos pelos alunos com parte de doente — 851

Número de consultas — 637

Número de tratamentos — 811

G — Administração Escolar

O Conselho Administrativo de 1950 foi assim constituído: António Fernando Marques da Rocha, vice-reitor, *presidente*; Francisco de Assis Ferreira da Maia, Secretário; e José Carneiro da Silva, director de ciclo.

O débito e o crédito foram os seguintes:

a) — Débito:

Saldo da gerência anterior:

De descontos em vencimentos e salários	185\$80	185\$80
--	---------	---------

Dotações do Orçamento Geral do Estado:

Para pessoal	1.267.563\$80	
» material	30.680\$00	
» pag. de serv. e div. encargos	17.724\$00	1.317.967\$80

Import. para entrega ao Estado e outras entidades:

Receitas próprias	112\$60	
Descontos em venc. e salários	72 500\$80	
Receitas do Estado	388.611\$00	
Outras importâncias (div. reposições)	333\$70	461.558\$10

Total		1.779.711\$70
------------------------	--	----------------------

b) — Crédito :

Despesas Orçamentais :*Com o pessoal :*

Cap. 4.º, art.º 707.º — 1)	1.056.812\$60	Saldos
707.º — 2)	188.191\$70	
Cap. 8.º, art.º 888.º —	20.270\$00	
Cap. 9.º, art.º 889.º —	2.289\$50	1.267.563\$80

Com o material :

Cap. 4.º, art.º 710.º — 1)	10.974\$80	\$20
711.º — 1-a)	3.199\$80	\$20
711.º — 2)	3.229\$80	\$20
712.º — 1)	5.072\$00	3\$00
712.º — 2)	8.097\$00	2\$70
		6\$30

*Com pag. de serv. e div.
encargos :*

Cap. 4.º, art.º 713.º — 1)	499\$00	\$300
713.º — 2)	11.399\$90	\$10
714.º — 1)	270\$00	
714.º — 2)	684\$00	
716.º — 2)	269\$20	\$80
717.º — 1-a)	6.600\$00	19.722\$10
		\$190

**Importâncias entregues ao Estado ou
outras entidades :**

Descontos em venc. (ger. ant.) .	185\$80	
» » » (pres. ger.) .	72.439\$60	72.625\$40
Receitas próprias		112\$60
» do Estado	336.163\$00	
» » » (tr. prat.) . . .	2.448\$00	388.611\$00
Outras importâncias		333\$70
Saldo para a ger. seguinte . . .		69\$40
Total		1.779.711\$70

H — Parte final

Mantém-se, inalteravelmente, a harmonia do corpo docente, que lealmente continua a colaborar com a Reitoria.

Os serviços da secretaria sofreram ultimamente profunda remodelação, graças à zelosíssima acção do respectivo chefe, Manuel da Silva Salgueiro, e ao valioso auxílio dos seus colaboradores, Henrique Maria Félix (aspirante), actualmente no Liceu de Braga, Carlos Miguéis Ferreira de Matos (escriurário de 2.^a classe) e Domingues Ferreira (contínuo auxiliar).

Liceu Nacional de Aveiro, 31 de Outubro de 1951.

O REITOR,

José Pereira Tavares

bibRIA

LICEU NACIONAL DE AVEIRO

1950-1951

I — Quadro da frequência do 1.º e 2.º ciclo

ANOS	Alunos matriculados			Transferências		Anulações de matrículas		Perdas de ano						Rendimento			
	No próprio Liceu	Por transferências de outros liceus	Totais	Para outros Liceus	Para o ensino particular e doméstico	Reque-	Não re-	Por faltas		Por falta de média		Por falta a exame ou reprovação		Passagens por média		Aprovações em exame	
						ridas	queridas			Todas as disciplinas	Por comportamento	Todas as disciplinas	Algumas disciplinas	Todas as disciplinas	Algumas disciplinas	Todas as disciplinas	Algumas disciplinas
						Todas as disciplinas	Todas as disciplinas										
Ano 1.º	126	1	127	1	—	3	6	4	—	14	—	—	—	75	24	—	—
Ano 2.º	79	4	83	2	4	1	4	—	—	8	—	4	—	—	—	60	—
Total	205	5	210	3	4	4	10	4	—	22	—	4	—	75	24	60	—
Ano 3.º	75	1	76	—	2	1	3	—	—	14	—	—	—	32	24	—	—
Ano 4.º	83	1	89	1	8	—	1	2	—	11	—	—	—	35	31	—	—
Ano 5.º	74	—	74	—	4	—	2	3	—	8	—	17	—	—	—	40	—
Total	237	2	239	1	14	1	6	5	—	33	—	17	—	67	55	40	—

a) Alunos que transitaram com deficiência numa disciplina.

II — Frequência do 3.º ciclo por cursos, nos termos das alíneas do art.º 5.º
do decreto 36.507, de 17/9/47 — 6.º ANO —

Alíneas	Matriculas			Transferências		Anulações de matriculas		Perdas do ano				Rendimento		
	No próprio liceu	Por transferências de outros liceus	Totais	Para outros liceus	Para o ensino particular ou doméstico	Requeridas	Não requeridas	Por faltas	Por comportamento	Por falta de média	Por falta a exame	Passagem por média	Aprovação em exame	Porcentagem
a)	Português	2	2	2								1	50 o/o	
	Latim	2	2	2								1	50 o/o	
	Grego	2	2	2								1	50 o/o	
	Francês	2	2	2								1	50 o/o	
	Filosofia	2	2	2								1	50 o/o	
	Organização	2	2	2								1	50 o/o	
b)	Português	8	8	8					1			6	75 o/o	
	Latim	8	8	8					1			6	75 o/o	
	Inglês	8	8	8					1			6	75 o/o	
	Alemão	8	8	8					1			6	75 o/o	
	Filosofia	8	8	8					1			6	75 o/o	
	Organização	8	8	8					1			6	75 o/o	
d)	Português	1	1	1								1	100 o/o	
	Latim	1	1	1								1	100 o/o	
	Grego	1	1	1								1	100 o/o	
	História	1	1	1								1	100 o/o	
	Filosofia	1	1	1								1	100 o/o	
	Organização	1	1	1								1	100 o/o	
e)	Português	7	7	7								7	100 o/o	
	Latim	7	7	7								7	100 o/o	
	Alemão	7	7	7								7	100 o/o	
	História	7	7	7								7	100 o/o	
	Filosofia	7	7	7								7	100 o/o	
	Organização	7	7	7								7	100 o/o	
f)	Ciências Naturais	28	1	29				1		5		19	65,5 o/o	
	Ciênc. F. Químicas,	28	1	29		2	2	1				24	82,7 o/o	
	Matemática	28	1	29		2	5	1		1		20	68,9 o/o	
	Desenho	27	1	28		2	1	1		2		22	78,5 o/o	
	Filosofia	26	1	26		2	1	1		3		20	74 o/o	
	Organização	25	1	26		2	1	1		—		22	84,5 o/o	
g)	Inglês	1	1	1								1	100 o/o	
	História	1	1	1								1	100 o/o	
	Geografia	1	1	1								1	100 o/o	
	Matemática	1	1	1								1	100 o/o	
	Filosofia	1	1	1								1	100 o/o	
	Organização	1	1	1								1	100 o/o	

II — Frequência do 3.º ciclo por cursos, nos termos das alíneas do art.º 5.º
do decreto 36.507, de 17/9/47 — **7.º ANO** —

Alunas	Matrículas			Transferências		Anulações de matrículas	Perdas do ano					Rendimento				
	No próprio liceu	Por transferência de outros liceus	Totais	Para outros liceus	Part. do ensino particular ou doméstico		Requeridas	Não requeridas	Por faltas	Por comportamento	Por falta de média	Por falta a exame ou reprovação	Passagem por média	Aprovação em exame	Porcentagem	
a)	Português . . . Latim . . . Grego . . . Francês . . . Filosofia . . . Organização . . .	5 5 5 4 5 5	5 5 5 4 5 5	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	3 3 3 3 3 4	60 o/o 60 o/o 60 o/o 50 o/o 60 o/o 80 o/o	
b)	Português . . . Latim . . . Alemão . . . Inglês . . . Filosofia . . . Organização . . .	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	2 2 2 2 2 2	100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o	
c)	Português . . . Latim . . . Alemão . . . História . . . Filosofia . . . Organização . . .	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o
f)	Ciências Naturais Ciênc. F. Químicas. Matemática . . . Desenho . . . Filosofia . . . Organização . . .	20 21 21 24 25 25	2 2 2 2 2 2	22 23 23 26 27 27	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	2 2 2 2 2 2	12 7 15 15 14 23	54,5 o/o 30,4 o/o 65,2 o/o 57,6 o/o 51,8 o/o 85,1 o/o	
g)	Inglês . . . História . . . Geografia . . . Matemática . . . Filosofia . . . Organização . . .	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	1 1 1 1 1 1	100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o 100 o/o	

III — Quadro A — 1.º e 2.º ciclos

	Matriculas			Transferências		Anulações de matriculas		Perdas de ano				Rendimento		
	No próprio Liceu	Por transferências para outros	Totais	Para outros liceus	Para o ensino ou doméstico	Requeridas	Não requeridas	Por faltas	Por comportamento	Por falta de média	Por falta a exame ou reprovação	Passagem por média	Aprovações em exame	Porcentagem
Ano 1.º	126	1	127	1	—	3	6	4	—	14	—	99	—	77,9
Ano 2.º	79	4	83	2	4	1	4	—	—	8	4	—	60	72
Ano 3.º	76	1	76	—	2	1	3	—	—	14	—	56	—	73,6
Ano 4.º	88	1	89	1	8	—	1	2	—	11	—	66	—	74
Ano 5.º	74	—	74	—	4	—	2	3	—	8	17	—	40	54
Totais	442	7	449	4	18	5	16	9	—	55	21	221	100	

III. Quadro B — alunos que concluíram cada ciclo ou secção, no 3.º ciclo

a) Classificação por valores

	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Totais
Ciclo 1.º	—	5	16	18	7	2	12	—	—	—	—	60
Ciclo 2.º	—	9	8	14	4	4	1	—	—	—	—	40
Ciclo 3.º	—	—	2	—	3	3	—	—	—	—	—	8
		14	26	32	14	9	13					108

b) Alunos que em todas as disciplinas de cada ano tiveram passagem de ano ou aprovação em exame

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano	6.º ano	7.º ano	Totais
Ciclo 1.º	99	60	—	—	—	—	—	159
Ciclo 2.º	—	—	56	66	40	—	—	162
Ciclo 3.º	—	—	—	—	—	32	8	40
	99	60	56	66	40	32	8	361

Apêndice

Trabalhos de professores

O Latim e a Pedagogia, pelo professor auxiliar do 1.º grupo Alvaro dos Santos Saraiva de Carvalho. (1)

Minhas Senhoras e meus Senhores :

Tenho grande receio de que a minha colaboração nesta abertura solene das aulas lhe diminua o brilho e a alegria festivos.

Não haverá em V.ªs Ex.ªs, ao aprontarem-se para me ouvirem, uma expectativa de funeral?... E' que venho falar do Latim... e o Latim — estamos nós habituados a escutar em todos os pontos cardiais — é um morto horrível e fedorento para a maioria, embora muito saudoso para alguns, de cujo número quero eu ser.

Para que tal não suceda, permitam que me coloque sob o nome prestigioso do humanista aveirense Aires Barbosa e o olhar complacente de V.ª Ex.ª, senhor Reitor, que, honrando-me com esta incumbência, aumentou as suas gentilezas para comigo, aumentando, também, o agrado da minha continuidade neste liceu, dirigido por quem é nobre ornamento da classe e tanto tem feito pelo Latim, e da minha estadia nesta cidade encantadora, tão arejada e soalheira.

Encorajado, assim, com os meus patronos, já posso ir avante na leitura do que não é *elogio fúnebre*, mas um *memento* de ideias triviais que são património do senso comum!

“Nem só de pão...”

Em todos os séculos o homem vive, com maior ou menor acuidade, os seus problemas, ora de aspecto religioso a decifrar o além, ora de carácter político-social em busca da paz; umas vezes escondendo-se na

(1) — Oração de sapiência pronunciada na sessão da abertura das aulas, em 2 de Outubro de 1950.

sombra da Pátria, totalitariamente realçada, outras, impando de orgulho individualista a calcar aos pés o que foi dos que viveram atrás de si, se não se limita a levantar alta muralha entre os reinos do Passado e do Futuro. Fundamentalmente todos esses problemas se unificam na preocupação do modo de vida melhor, portanto a discussão dos sistemas de vária espécie outro objecto não visa que não seja o da existência. Mesmo assim, é verdade que todas as questões passam no tempo como num écran. unindo ao que é nuclear certos pontos de controvérsia, questões de estética e didáctica, por exemplo.

E ainda bem: isto só demonstra a tendência do espírito a vincar os seus direitos que a matéria permanentemente procura delir. Hoje, que as bocas muito se abrem para receberem o pão bastante arredio do estômago humano — índice clamoroso do mal económico — não escutam os um grupo, reduzido embora, para o qual possui força a legenda «nem só de pão vive o homem...» e a quem seguimos na defesa do que importa à inteligência e coração?

Quero aludir à querela cultural e pedagógica que, sendo nossa, é da Europa inteira, da Europa, madre e detentora da civilização, apesar de tudo...

Todos estão cientes do valor humano das escolas, do seu papel na educação; esta unanimidade, porém, desagrega-se ao objectivar-se a função daquelas, ao estudar-se a característica basilar da última.

Quantas e quantas interrogações a propósito se não podiam levantar agora! Todavia, só a uma desejo prender o meu cuidado, e é a seguinte: — Poderá ser ameno e útil o ensino do Latim? Como?

Não tenho vontade de, mais outra vez, tratar da existência independente ou parasitária da língua latina nos liceus, tanto mais que troianos e gregos, latinófilos e latinófobos reconhecem alto e bom som a conveniência de tal matéria de estudo para a cultura geral, e a mesma reforma do ensino não foi indiferente a este juízo, quando degradou o Latim pelas razões de conhecimento geral. Importuna era também a minha atitude, já que a pergunta assenta nessa opinião.

Diversidade de processos

Unidade Teleológica

Os que superintendem nos assuntos escolares procedem com acerto não atendendo exclusivamente ao aluno; acima deste encaram aquela entidade — o professor — pela qual é medida a eficiência da matéria pedagógica e que é susceptível de cristalização, se perante si não for tendo coadjuvantes, aptos simultaneamente na orientação a seguir e na recordação prática dos princípios em que se funda o magistério.

Muito embora ao professor liceal seja negada permissão de ensinar, quando lhe não é reconhecida capacidade pedagógica suficiente, a verdade manda afirmar que o escrúpulo pessoal tende a enfraquecer, sem prevenir a inércia, o «não-te-rales», o caminhar nas pegadas recalcadíssimas, longe do actual e necessário e, muito mais, da personalidade discente. Nenhum desconhece as ciências pedagógicas, e, se for preciso, citará dezenas de obras e autores, uma caterva de métodos de ensino antigos e modernos; contudo aos olhos de ninguém — aos seus próprios! — isto será avonde para que o magistério frutifique, dado que dentro, na carne e no espírito não haja o essencial: a vocação docente.

Ao escolher a sua carreira, cada um de nós, com raras excepções, só escuta a voz do gosto com garantias prováveis de êxito na vida; daqui saem as linhas directivas ou métodos, de elasticidade e permeabilidade variáveis consoante a maneira de ser, a matéria que professa, o número de alunos, também. Por conseguinte, não é de pretender a uniformidade no ensino das disciplinas liceais, o que não aconteceria, mesmo que o professor tosse um só...

É o caso do artista usando ferramentas diferentes, se deseja fabricar cancela de quinta ou talha de altar. Se na segunda obra utilizasse a machada em vez da goiva, que resultaria?

Igual espanto e surpresa nos dominam, quando, na modelação dos caracteres infantis, os professores manejam processos duros e toscos, mais toscos e duros que a rudimentar utensilagem do marceneiro habilitado.

O pior é tratar-se de almas, que não de madeira! E, como no lugar de anjinhos saem de além quimeras, daqui brotarão disformidades, quando, com veemência, esperávamos edificantes formações.

Venho seguindo estes raciocínios, porque me parece primacial o carácter humano da instrução, irmã gémea e siamesa da educação, isto é: não interessa tanto o volume do que se ensina quanto a repercussão, o eco que isso vai ter nas faculdades dos alunos; sobre o ensino unilateral levantemos o que sempre vê no estudante as múltiplas facetas da unidade que é a pessoa humana: finalidade ultra-terrena, comparticipação no agregado social, enriquecimento do saber, força e lógica de raciocínio, ânsia de bondade e beleza, enfim!

Com a orientação deste teor arranca-se indistintamente das disciplinas liceais — fica unicamente uma diferença de grau — o fermento que, pela acção do professor, será ministrado à formação do aluno. Numas aulas ele aprenderá a cultivar a razão dentro das leis que lhe são próprias, noutras ganhará um par de asas a erguer-lhe a imaginação para o alto; aqui sente-se atraído para a contemplação da Natureza, além penetra na vida íntima que estudará com feição ética e estética; por um lado cultiva o subjectivismo, por outro não passa à margem do objectivo, ficando, por isso, senhor do estado de equilíbrio.

E assim pode negar-se aos estudos tradicionalmente chamados clássicos o monopólio humanizante — o condão de varinha mágica que tudo faz, cegueira tenebrosa de quantos os contemplam como ideal e não como simples meios da sua consecução. Da mesma forma que todos os caminhos vão dar a Roma, assim todos os estudos, todas as actividades em que porventura nos ocupemos, conduzem ao ápice da finalidade escolar, o aperfeiçoamento pessoal. E agora uma questão de técnica, de molde, a informar a vida de cada um e a relacioná-la noutra esfera mais alta, quer seja a vida do cavador ou do homem das oficinas, quer a do caixeiro ou do intelectual.

Reportando-nos ao Latim: qual será a técnica que torne armeno e útil o seu ensino?

Razões de Latinofobia

Partamos de uma certeza, filha da experiência e observação quotidianas: o Latim desde há muito não consegue insinuar-se na aceitação dos estudantes. Por quê? Será ele pobre de requisitos de simpatia? Terá consigo dificuldades insuperáveis? Ou com ele acontecerá o que é próprio de certas pílulas para cuja ingestão salvadora se exige grande tacto de doirador?

Para outro lugar fica guardado o depoimento dos alunos de Latim de um Liceu a quem fiz um inquérito sobre o assunto ; entretanto seja-me permitido recordar impressões pessoais que, se me não engano, representam a de todos os aprendizes latinistas, subtraído, necessariamente, o que elas podem manifestar de próprio em orientação espiritual, curiosidade científica, amor ao belo artístico e, ainda, em sensibilidade aberta à compreensão do Homem antigo e moderno, de qualquer clima e latitude.

A frente vem a medonha Gramática... O exclusivismo gramatical de que se não desprendem tantos professores, comparo-o à arte de alfaiataria em que as peças das nossas roupas se produzem em série, não sabendo uma costureira mais do que forrar bolsos, esta noutro serviço não pega senão em coletes, pertencendo as calças e as mangas do casaco a outros oficiais. O mestre acha tal distribuição de tarefas muitíssimo boa e não há que modificar... Barafustem à vontade os que o aturam, reclamem a aprendizagem total do fato, mas cale-se ; o que lhes interessa é receberem o salário em cada sábado. Estes alfaiates em gérmen só por sua iniciativa e vontade conseguirão a categoria desejada.

Paralelamente, o meu professor de Latim nunca me disse quem era Fedro, o que valia uma fábula e a sua arte ; nunca achou interessante dar-me uma informação global de «De Bello Gallico» ; frio, sempre frio, ao massacar-me com a «Eneida», como insensável à arte e epopeia da prosa liviana. Para ele «rosarum» é um genitivo do plural... nas formas verbais há radical, características e desinências... o complemento de lugar *onde* aparece, em certos casos, em genitivo locativo... numa palavra : aprendi — como os papagaios aprendem as boiadas saloias — a realidade parcelada, insuficientíssima para a minha curiosidade.

Se, como outrora, precisássemos de falar e escrever em Latim, tal ensino estava bem — estaria bem, mesmo então ? — ; mas, quando o meu raciocínio de adolescente nenhuma finalidade utilitária via em psitacismo deste jaez, simplesmente por milagre a aula de Latim poderia agradar e ser proveitosa. Bem ao contrário, o resultado iminente era uma aversão de toda a classe a esta disciplina que só conseguia relativa tolerância por ambicionarmos a aprovação final.

Queríamos mais, como os referidos oficiais de alfaiataria, de protestos como os nossos ; ao modo deles tínhamos nós de cerrar os punhos e aguentar, por não nos esquecermos da final contingência desagradável...

Sai do Liceu soltando um ah ! de alívio inefável e lamentando o esforço gasto com prejuízo, o tempo perdido em tão desarrazoadas ocupações, tormento da minha lembrança !

Mesmo que o ensino feito desta maneira exercitasse a memória, aceitar-se-ia ? Dou pela negativa ; esta faculdade é de relativa importância, parecendo-se com as governantas das casas ricas, ora económicas ora perdulárias, metódicas ou desordenadas nos serviços permanentemente prestados à sua senhora.

Há-de ser, então, a serviçal a personagem que visam os obséquios das visitas e amigos da família ?

Não ; a memória, possuindo uma parcela de direitos na aula, nem pode reclamar a totalidade, nem a melhor parte, sequer ; e, se o ensino gramatical se apregoa necessário — compreender para analisar, analisar para compreender melhor — não vamos erguer a memória da humildade que a natureza das coisas lhe confere, já que só aí desempenhará satisfatoriamente o papel que lhe está adscrito, e afastemo-la da tirania a que alguns a querem alçar.

O estudo sistematizado, diariamente marcado e literalmente exigido, da Gramática Latina fica-se consigo mesmo, árido e triste, à es-

pera do exemplo abonatório episódicamente encontrado: é mobiliário incómodo e feio aguardando o momento de arrumação. E como obviar a isto?

— Trazendo à baila o binómio, «*utile-dulci*» — o único argumento, a recomendação forte das matérias escolares.

Informação Cultural Pro-Latim

Este enunciado simplista, no qual vim cair sem pensar, liga-se àquilo que está agitando o meu espírito: deverá falar-se de amenidade como preparação de utilidade ou, pelo invés, será esta a condição daquela? Mais claramente: na ordem cronológica ocupará o lugar dianteiro a amenidade ou a utilidade?

Para mim qualquer matéria inútil não logrará jamais a consideração amena dos alunos; o professor demonstrará, antes de tudo, ser útil aquilo que deve começar ensinando docemente. Primeiro, a utilidade; depois, o agrado: «*utile-dulci*».

Em razão disto abalanço-me a tratar imediatamente da segunda parte do tema: como tornar útil o ensino do Latim?

Não me alongarei, para que não peque contra a parcimónia, nem faço repetições escusadas e esforçar-me-ei no sentido de tocar com leveza o assunto.

A utilidade encara-se diversamente, seja qual for a substância a que vive adjacente, consoante o campo da apreciação, consoante a amplitude dos efeitos esperados; sendo desta forma, as disciplinas escolares consideram-se úteis só quando têm em si os elementos ambicionados por cada um que procura o essencial da formação do seu todo, com vista à vida boa — socialmente falando —, à vida de relação. É o que todos verificamos no Latim, com um bocadinho de vontade...

A elite, a que é destinado o ensino secundário, fica incompletamente informada, quando não adquire o conhecimento do que celebrizou os homens de qualquer século — o somatório do seu pensar e sentir a orientar-lhes a actividade multimoda de que os pósteros podemos servir-nos como de padrão de capacidade, afastada do progresso temporal; por isso, ao estudante liceal é bom sejam fornecidas luzes da pré-história dos chineses, egípcios, gregos e romanos em que aponte, indubitavelmente, vícios de ganância, mas também, a influência suave e benéfica de constante vida espiritual.

Difícil não é que os rapazes palpem, de facto, a presença dos valores estéticos, ultra-sensíveis, integrantes da vida em comum. E tais notícias, comprovativas do anseio da alma, deixarão de contribuir para a aquisição da consciência de que ao homem é mister mais alguma coisa do que o sentido e gozado pelo corpo?

Nenhum povo, todavia, tão alto planou no idealismo, como o mi-lagroso povo helénico, seguido de perto pelo latino, seu primeiro e melhor discípulo de cuja Literatura é ilógico prescindir. Logo, existe uma razão geral para estudarmos os Romanos, propagandistas da suma intelectual antiga.

Podem objectar o acesso fácil à cultura latina sem precisão do estudo persistente, nos Liceus, da língua portadora dessa cultura, com a vantagem idêntica à conseguida, quando saboreamos um manjar servido na mais requintada baixela, em vez da mesa de pinho, gordurenta e des-

conjuntada, — tosco, mas indispensável ornamento de cozinha fumosa...

Está bem; contudo, neste caso, os olhos comem um tanto mais que o estômago, sem aquele calor, aquele cheiro, aquele contacto da cozinheira, abacialmente gorda e, porventura, antipática, admirável, porém, no paladar e habilidade. O Latim — mesa sebosa... condimento e baixela... — foi a revelação do povo que em todos os cantos do mundo se mostrou em corpo e alma bem digno de estar à cabeça das gentes.

A esta primeira vantagem, nascida da visão grandiosa do povo-rei e exposta aos alunos, seguem-se outras corroborantes; atrás fica o ditame da razão, e, à frente, vem a força do sentimento.

Nós somos Latinos!

Além de fazermos parte da humanidade, de surtos locais interessantes a que não podemos, com dignidade, ficar estranhos, nós, portugueses, somos membros da Latinidade, exemplar família de brasão esculpido no heroísmo das conquistas e comércio, no trabalho gigantesco de colónias e cidades, na legitimidade racional do seu Direito, articulado em língua precisa e grave, a mesma de inúmeras belezas literárias impercíveis.

Alguém cobicará para si próprio o labéu de malvado, negro como a negra ingratidão, com o fechar dos olhos ao brio da ascendência, postergando a voz do sangue e da alma a requerer a continuidade? Quem terá atrevimento para repelir as gotas de leite, amorosa e sacrificadamente destiladas pela que lhe deu o ser?

Pois as úberes tetas da Loba do Lácio ainda se não recusaram à função maternal, porque ainda se não extinguiu a sua vida... Efectivando-se o nosso crime de renegados, desconhecer-nos-íamos, quando, à distância da casa materna, nos interrogássemos na pobreza e aviltamento:

— Donde viemos nós?

A resposta ficaria no reino dos sonhos indecifráveis por não encontrarmos o fio condutor — a identidade de língua — a ligar-nos à nossa origem. Sim, se pela análise do sangue a medicina conclui o estado sanitário de cada um, se a árvore é tanto mais frutífera quanto maior cuidado houver na escolha do alimento das raízes, a nossa idiossincrasia tornar-se-á vivida e fecunda só na razão directa da convivência latina.

Eslarecido o espírito dos rapazes acerca da projecção da Latinidade no homem e terra portugueses, eles tendem, forçosamente, a confrontar os dois idiomas para encontrarem a permanência do mesmo e único, afectado, certamente pelas circunstâncias. Como o individuo em idade madura que, depois de correr as sete partidas, se reconhece nas fotografias da mocidade: modificado está, porém é ele mesmo com igual sorriso aberto, igual olhar para as coisas e para os corações, igual pensar grave e sério, iguais preocupações, iguais sonhos.

A língua portuguesa é isto, precisamente; é alguém que muito já viveu, mas alguém com o privilégio da perenidade que pode ser permanência e pode ser mutação. E se não somos apologistas da bastardia nem da metempsicose, optemos pela continuidade! Sejamos latinos!

O Latim ao serviço do Humanismo

E' o momento de o professor se referir à utilidade pessoal e actual do Latim, que se demonstrará com o estudo dirigido. E já que a turma está elucida de harmonia com o processo formulado até agora, o estudo não se empreende com a hostilidade do que pouco vale, nem com a indiferença do desconhecido; mas com a curiosidade do que ambicionamos ver esclarecido, isto é, com a vontade em acção. E a vontade mover-se-á para um objecto desprovido de utilidade? *Ignoti nulla cupido!*

Aceito que nenhum rapaz fique tranquilo, quando por si mesmo não tire a prova do que se afirma; nenhum se resignará a qualquer ensino de que possivelmente não colha vantagens. É esta a razão de eu não estranhar a pergunta de cada qual: — Mas, então, para que me servirá o Latim?

Dizem que o estudo das Humanidades outra coisa não é senão o desvio da realidade concreta, a fuga da vida quotidiana e envolvente para o seio do vago onde pouco mais há do que sonhos cor de rosa. Afirmam que o Latim nem é instrumento manuseável pelo homem moderno, nem, tão pouco, dado que mereça resguardo de joias de escriptorio, pode enfeitar com prazer novo o conhecimento comum, salvo o de raros boqueabertos perante a velhice de bolor e traça. Isto se vem repetindo entre todos que mais nada sentem além do peso metálico, que enxergam somente a opacidade da matéria; e contra eles não haverá de aparecer uma salutar reacção de senso e justiça? Convém fazermos nós, os de tendência espiritualista, a apologética prática e fundamentada do Latim desventurado, que persuada todos da sua utilidade.

E como satisfazer esta conveniência a bem do Espírito?

A idade dos dezasseis anos, em que se opera a iniciação latina, traz consigo um cariz novo com exigências e possibilidades que o ensino liceal tem por obrigação atender e fomentar. Os estudantes, à porta da saturação livresca das regras gramaticais, pedem material adequado às suas aspirações de ordem superior; mais do que simples reservatórios de bens alheios, eles gostam de ser apreciadores e criadores do que possam chamar seu: refiro-me ao estabelecimento e marca da personalidade. Esta é o centro de qualquer ensino; à volta reside simplesmente o secundário, convergindo, aliás, com força centrípeta para o ideal educativo. O professor pode, à primeira vista, olhar para mais perto de si; todavia, quando não esquece a missão educativa da escola, o seu alvo patenteia-se lá ao longe, no valor humano que os alunos são e representam. Dentro deste campo de vistas parece-me assentar no Latim um dos melhores e mais rendosos esteios da função escolar; só com este ideal a língua latina será de utilidade material e principalmente formal, como vamos ver.

Para felicidade nossa, já acabou a época quiescente da idolatria do alfabeto. Noutros tempos não longínquos ia-se à escola aprender a ler, escrever e contar e, quem assim se apresentasse na vida, era um bem-quisto cidadão, um virtuoso e simpático cidadão. Por cada escola aberta eram contadas as cadeias fechadas...

Esses tempos já lá vão, sim, com a dolorosa desilusão por si criada; hoje a escola não é exclusivamente a distribuidora de letras e números, porquanto nos aponta o uso a fazer do que ensina, coadunado com a natureza estudantil. Esta é um todo, sem diferenciações postíças e parcelamentos de memória, de inteligência, de vontade, de coluna vertebral flexível perante os de quem depende, de língua que não sabe dizer senão *amen* ao professor personalista e umbilical porque... Tem razão

Montaigne. « Ce n'est pas un corps, ce n'est pas une âme, c'est un homme que nous dressons ».

Uma vez que assim seja considerado pelo mestre de Latim, o aluno, logo a partir da primeira aula, encontrará o verdadeiro caminho que o levará ao termo do seu perfeito devir: um Homem.

Não sofre dúvidas que o jogo Latim-aluno revestirá movimento variado com o predomínio momentâneo de facetas que nunca devem excluir as outras. De princípio, ao estudarem-se os rudimentos gramaticais, a aprendizagem alvejará o desenvolvimento do uso da memória, concomitante da noção de precisão, de normas orientadoras do pensamento — a Gramática é parenta da Lógica —, pela aquisição do vocabulário, pelas variantes dos significados, implicando tudo isto um trabalho mental a todos os títulos benéfico, em redor da palavra base.

Conhecendo a novidade dos casos latinos, o aluno verifica como são realidade autêntica as funções sintácticas a que anteriormente dava como justificação o capricho da subtileza; nesta altura já vê melhor a correspondência da ideia com o seu termo.

Antes, tinha estranhado o género masculino de «ferro» e o feminino de «ferra» — palavras desprovidas de sexualidade, portanto, sem a relação existente em «aluno» e «aluna», por exemplo; estranhara, certamente; porém não vira tudo, por lhe faltar o conceito de género neutro. Agora, passa à observação inteligente dessa particularidade em milhetos termos portugueses, deslindando o que estivera intrincado, relacionando o relacionável, melhorando, numa palavra, o poder de análise em quantidade e qualidade.

No estudo das declinações e conjugações há bastante de revelação. O escolar vive, psicologicamente, numa atmosfera de receptividade; a atenção é solicitada constantemente por surpresas; o confronto mútuo de palavras latinas, e destas com as portuguesas, estende-se sem limites; a terminologia gramatical obriga a pensar, indubitavelmente, se o professor tiver presente a colaboração devida à classe: sugestão de ideias, motor da vontade.

Mesmo que sejam muito escassas as parcelas de saldo linguístico, auxiliar precioso no uso da língua materna, ainda que falte, às vezes, a presteza na tradução de frases simples, o professor não se desgoste, convicto da vanidade do seu labor, uma vez que os alunos o tenham acompanhado com pontualidade e cuidado. As notas baixas, índice de paupérrima instrução, não correm a par do progresso educativo, o que interessa particularmente. É que do ensino perfeito não pode deixar de fluir a consequente utilidade psicológica.

E, porque não há barreiras a separar as nossas faculdades, porque sentimos o que pensamos, como pensamos o que é da alçada da memória, a este primeiro escopo psicológico segue-se outro, semelhantemente abarcável pelo ensino do Latim: o desenvolvimento intelectual.

Interesse Ético-Estético

A classe avançou. Desprendida das frases arranjadas «ad hoc», já traduz capítulos de prosa e pequenas composições em verso; César e Aníbal merecem-lhe reparos e Virgílio lembra-lhe a nascedoura heróica de um venerando império; os animais pensam, falam com preocupações humanas a inquietá-los, ora ingénuos e bons como o cordeiro, ora monstruosamente cínicos ao jeito do lobo.

Pois bem: o movimento das armas a rasgarem a togas, cosidas e

remendadas a todo o transe, a luta dos fracos contra a opressão dos fortes, a cor, o ruído, a virtude e o vício alvoroçam, devem alvoroçar, os que chegam pela primeira vez a abordá-los.

É bem certo que ao estudarem Latim os alunos ultrapassaram a fase da Carochinha; no entanto é aconselhável, na formação da adolescência, tudo que lhe faculte levantar os olhos da terra pela fantasia. O professor de Latim não fuja, participe com entusiasmo para colher honra e proveito. E como?

Agitando a inteligência dos pupilos com a transferência do que é da animalidade para a sociologia, para a moral; discutindo, depois, o conteúdo e lição da fábula, como os pensamentos, palavras e obras dos homens, à luz do seu tempo deles e da razão hodierna, a fim de tirar conclusões morais e doutra natureza. Para tanto o ensino romperá as fronteiras do trecho em estudo e saltará em todas as direcções e baterá a todas as portas pedindo socorro.

Neste momento já não chega o processo dominante anterior: a busca cuidadosa, na língua portuguesa, do que as palavras estudadas indicam; urge que, para os anseios de mais alto fôlego, a alma dos estudantes encontre lá o pábulo nobremente condimentado pela História, Filosofia, Ciências Naturais e quejandas.

Esta quase dependência revela a pouquidade do especialista que não possua... um violino de Ingres; esse tal desmentiria o Ensino Secundário, não seria humanista, por muito afastado do que é humano: seria um fóssil cristalizado -- digo bem?

A especialização não enjeita o ar do enciclopedismo. Querem provas? «*Ranae regem pefierunt*», por exemplo, vale, com largueza de vistas do professor, por várias lições e supre com esforço e arte as deficiências do tempo. No fundo a parte linguística e literária; em seguida, as ideias e seu valor humano evidenciando aos jovens o carácter essencial da autoridade política; depois, a recordação de Atenas e respectiva importância, as formas de governo, os batráquios, a mitologia, emprego e valor das fábulas... «*Hoc sustinete, majus ne veniat malum*» é uma legenda para a vida fora.

A lição assim serve de repetição escolar — importante e pedagógico — e conduz a outra utilidade: a admiração e imitação da Literatura em favor da elevação moral.

Que esperar dos rapazes ensinados desta forma? A resposta surge imediata ao conhecermos o martírio inglorio com o dicionário, o pouco interesse do mestre que não previne dificuldades no texto, não aponta afinidades vocabulares, ideológicas ou históricas, quando o que se lê parece conter tédio e fastio mortal.

Mas há mais na tradução latina.

Para além do aluno, o social

Despertos e alimentados os interesses intelectual, moral e estético, circunscritos à pessoa do estudante que a escola, um dia, devolverá à sociedade para a servir honrosamente, torna-se indispensável prepará-lo desde já para futuro cidadão, fomentando nele a generosidade de alma, sempre aberta a todos os ventos, com o que lhe entusiasme o interesse de relação.

Ao professor de Latim incumbe facultar-lhe páginas exemplares a demonstrarem que a Divindade desde os velhos tempos foi chamada a presidir a todos os destinos, que as ideias de Pátria e de Governo têm

andado rodeadas de veneração religiosa, fonte dos rasgos de hombridade immaculada a assinalar as vontades fortes de todas as idades.

O processo único de educação terá, com efeito, uma superfície totalitária, pondo em movimento o complexo vivo de cada jovem.

O professor de Latim desce, com o olvido diário destas circunstâncias fundamentais: o aluno tende à perfeição como ideal, o ensino não passa de caminho para lá, e ele, professor, cumprirá a missão de guia no campo difícil da Psicologia, da Lógica e da Moral.

Ao seu critério pedirá a maleabilidade de processos didácticos ajustados à mentalidade dos que dirige; seria óptimo, porém, que desse à actividade oral o maior âmbito, visto que este modo é o mais directo e pronto para investigar aquilo que merece confirmação, para esclarecer o nebuloso, para insinuar o substancial. *Viva vox docet!*

A fala do professor, na modelação e volume da voz que arrasta consigo a brandura e severidade, a incisão dos gestos prontos e a alegria dos olhos, é a fada-tutelar da escola.

Sem ela para que serviriam os livros?

Se «educar é transmitir uma vida, muito melhor que mostrar donde se pode tirá-la» (F. Charmot), serão possíveis bons rendimentos, quando os estudantes convivem muito com os livros e pouco com o professor? Todavia, cautela! Neste contacto de duas vidas haja a precaução de não suprir um mínimo suficiente de trabalho do aluno, a fim de se não descuidar na actividade e fortalecimento do seu querer com a vitória das dificuldades, e se não desviar do amor ao Bom e ao Belo.

Julgo nada estar ausente desta didáctica, para que o Latim adquira a categoria da utilidade — porque é instrumento de educação integral que, o materialismo ganancioso de nossos dias, perturbador e separatista por carecido de unidade espiritual, despreza sobranceiramente; porque ainda é, como outrora, a língua internacional da crença e do afecto.

Assim documento o aserto com uma carta da Mãe de uma pequena protegida da «Caritas Portuguesa»:

«Vindobona, a.d.2 Kal. Jan.

Care Carle!

Credo te tu ego in schola Latinam linguam didicisse.

Qua re hodie in hac lingua ad te loquor, ut homo ad hominem dicat sine tertia persona, qui epistulas nostras semper transfert. Gaudeo, cum nostrae litterae in futuro continuae erint et spero me brevi tempore talem epistulam accepturam esse. Etenim in nostris litteris multa sunt vitia, tamen haec nos non disturbabunt.

In spiritu video te ridere, si hoc legis.

Mea filia scribi te saepe cum ea ludere. Gaudeo, quod Greta in te bonum amicum habet.

Magno cum gaudio tuum responsum expecto.

Magnis cum gratulationibus pro tuis parentibus et te, vale!

Gicte Wundsam,

mater Getae.»

Da língua do amoroso Catulo se quis servir uma Mulher austríaca dos nossos dias para agradecer com alegria, a um estudante, a amizade dedicada à sua filhinha que estava gozando a cristã hospitalidade de Coimbra!

À ideia gentil da remetente germânica o destinatário português respondeu... não sabendo traduzir a enternecedora missiva...

Ainda continuaremos a ouvir que o Latim é língua morta? Não, pois que é a letra do espírito pacífico que todos queremos reine no mundo, consoante os versos de um poeta francês:

**«CREIO QUE DEUS SE VALE DA LATINIDADE
PARA PREPARAR DO MUNDO A GRANDE UNIDADE»**

(Pierre de Nolhac).

A polpa e a casca

Posto isto — mera especulação entusiástica, se quiserem —, afirmo a minha convicção na utilidade de tal doutrina que vejo assente na filosofia da educação, na psicologia dos alunos e na realidade da beleza literária. Fora daqui reina a mutilação do homem, e nenhum professor pretende ser acusado, mesmo porque não tem a responsabilidade total.

A utilidade está inerente — como a casca do fruto à polpa — o gosto nos alunos cuja ânsia de ascensão é livre, gosto a que chamarei «amenidade intrínseca». No entanto, o grau de amenidade requerida no ensino do Latim ficaria reduzido, se o professor desinteressada e preguiçosamente mais nada ambicionasse em prol dos alunos.

É muito ele aproveitar afinadamente tudo, tudo que haja no texto latino, a bem do corpo e alma dos moços; contudo, isso deve ser enriquecido com acréscimo prestado pela sua pessoa — indivíduo e professor — e que vêm a ser as boas disposições e incentivos na vida escolar. A este conjunto dou o nome de «amenidade extrínseca».

Se a primeira amenidade provém da própria matéria estudada, enquanto correspondente à alma estudantil, a segunda nasce mais à superfície, na camada periférica do contacto diário, gerador de simpatias e aversões. Uma será científica; outra humana: ambas diferentes, é certo, porém unidas em bloco no mesmo desideratum pedagógico.

Eu explico.

É vulgar transferirmos os nossos juízos das pessoas para as coisas, e vice-versa, com perda da objectividade crítica. Um doce, tentador aos olhos e ao paladar, é repugnante, quando sabemos ter saído das mãos de sujo pasteleiro; encontramos vacuidade e artificialismo, simples artificialismo e vacuidade, na poesia do escritor pedantesco e monoculado e enlulado, escrupuloso em pôr às escâncaras de que o fita casualmente os títulos dos livros e cabeçalhos dos jornais contra o peito apertados a todo a hora.

— Caramba! — diria a personagem de Eça de Queirós.

... Pois eu não sei se, em muitos casos, os iniciados no Latim são esmagados pela cruz, se pelo cireneu...

Para que assim não aconteça, prepare o professor, diàriamente, a lição a dar, enquadrada no sistema de que muitas outras fazem parte, evitando — e isto afigura-se-me importantíssimo — a monotonia, o «ram-ram» das perguntas de algibeira, disco velho e relho. Lembram-me tais lições as infantilidades das crianças que escrevem nos Diários, invariavelmente: «Hoje levantei-me, lavei-me e penteiei-me...»

Se o mestre quer servir-se apenas da martelada do relógio — sujeito, predicado... sujeito, predicado... — os alunos acabam por dormir como os moleiros no barulho das rodas e velas, para acordarem, invariavelmente, com azedume de boca.

Não seja estupefaciente o professor de Latim! Tente agradar aos discípulos com os planos das lições, a diversidade de interrogatório, as traduções literal e artística, os passos paralelos, a retroversão e outros recursos que no acto da preparação podem lembrar! Até para que a turma se mantenha disciplinada e preste andiência, é eficaz a variedade das lições: a atenção é absorvida, perde-se a noção do tempo e não sobra tempo para aborrecimentos.

Depois desta condição de amenidade apelo para o bom humor — sempre constante, apesar de tudo — que serve ao bom professor para travar-lhe a paciência, excitar a confiança dos que dirige, atenuar dificuldades, impedir hesitações, vencer complexos de inferioridade e substituir, sendo preciso, o ambiente grave da escola pelos risos e graças dos serões familiares.

Evitem-se exemplos de mau gosto civil misturados, quando calha, com deficiências de vária ordem; evitemo-los, por não ser necessário baixar até à ralé para ganhar a aura de popularidade. *Sursum corda!*...

Daqui à distinção de maneiras vai um passo, e passo urgente, que os rapazes acompanham e cuja ausência os escandaliza extremamente; distinção a desdobrar-se no julgamento equitativo das classificações, na delicadeza do interrogatório que não é brinquedo nem esparrela, na modéstia da apresentação pessoal, inimiga declarada da doutorice.

É possível que o professor ridículo e grosseiro proporcione momentos agradáveis à maneira de bobo ou actor de revistas; mas o gosto de aprender, quem o inculcará aos estudantes? O mestre terra-a-terra, o retardatário sistemático, o fraco entusiasta que parece nada acreditar em si, quanto mais nos outros, o capaz — oh! muito capaz! — de vomitar — perdoem-me o termo!... — de vomitar a Gramática, a odienta Gramática? Não, nunca!

Os alunos seguem gostosamente aqueles e só aqueles professores em que reconhecem merecimentos de amizade retribuída, proveniente da soma de predicados acima referidos; e, quando uns e outros se estimam verdadeiramente, garantida se encontra a amenidade extrínseca do Latim: na verdade, a simpatia da pessoa vai espelhar-se na da matéria ensinada por obra e graça da transferência sentimental.

E depois?...

A vontade mais forte e o mais vibrante entusiasmo esmorecem até ao mais profundo, no momento em que à sua roda não vêm algo que os alimente e avive; assim morre triste a luz da candeia que a pobreza ou o desleixo desampara.

Pode ser que a classe possua evidente paixão pelo Latim e cumpra escrupulosamente o que atrás fica enunciado, pode ser; todavia — isto já não é da alçada do professor — dêem-lhe ambiente e instrumentos de trabalho que sustentem a manutenção desse óptimo estado: tempos lectivos em número conveniente e boa distribuição diária, compêndios de agradável apresentação, com desenhos e ilustrações, notas no fim de página e resumos intercalados para melhor compreensão e síntese do que se vai estudando, albuns fotográficos e mapas parietais.

Assim o regalo dos olhos será ajuda do espírito em formação, e a harmonia do todo escolar — professor, alunos e material — ganha o carácter de realidade pedagógica a bem da utilidade amena do ensino do Latim, que possni, digam o que disserem, alto valor pedagógico.